

REVISTA DA  
**ACADEMIA**  
**PIRACICABANA**  
DE **LETRAS**



**LUMEN SPARGIT**

ANO VI - Nº 9  
PIRACICABA - 2014

REVISTA DA  
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano VI – nº. 9  
Piracicaba – Junho de 2014

## REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,  
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,  
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,  
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: [academiapiracicabanadeletras@gmail.com](mailto:academiapiracicabanadeletras@gmail.com)

Blog: [academiapiracicabana.blogspot.com](http://academiapiracicabana.blogspot.com)

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

João Umberto Nassif (MTb 24 682)

Endereço: Rua do Rosário, 781 – 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada  
ao Editor no seguinte endereço:

Rua do Rosário, 2561

CEP 13401-138 – Piracicaba-SP

E-mail: [joaonassif@gmail.com](mailto:joaonassif@gmail.com)

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Neder

Aracy Duarte Ferrari

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Elias Salum

Ivana Maria França de Negri

Myria Machado Botelho

Rosalyn Aparecida Curiacos de Almeida Leme

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:

Mônica Aguiar Corazza Stefani

DIAGRAMAÇÃO:

Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Audácia Agência Gráfica

IMPRESSÃO:

IUBRA Gráfica e Editora Ltda

Rod. Boituva - Iperó, Km 1,1

18500-000 - Boituva-SP

## APRESENTAÇÃO

Com enorme sacrifício chegamos a mais uma Revista da Academia Piracicabana de Letras, graças a Deus!

Muita luta muitos problemas, muitos palpites benéficos, bem intencionados e atenciosos, mas, ajudas, se recebidas com grandes esforços, ainda sim, não conseguiram colocar a Academia no seu devido lugar na “Cultura de Piracicaba”, ressaltando, porém o apoio de sempre dos jornais da cidade: Jornal de Piracicaba, A Tribuna Piracicabana, A Gazeta e da Acipi (Associação Comercial e Industrial de Piracicaba), que sempre nos acolheram de uma maneira prestativa, gentil e sem limites, aos quais deixamos aqui, nossos maiores agradecimentos.

Só nos resta compreender nos tempos de hoje, todo mundo atarefado, repleto de problemas e situações difíceis a serem resolvidas, necessidades por todos os lados, carências econômicas, país conturbado, não sabemos explicar, contudo, a verdade é que, poucos ou pouquíssimos conseguiram suprir as necessidades da A.P.L., quando tantas vezes foram solicitadas.

Sem críticas, revoltas ou queixas, apenas contando ao nosso público leitor simpatizante, o “sufoco” e a grande dificuldade que é conduzir e elevar o nome de uma instituição de tal porte, numa cidade como a nossa com tantos recursos e competências sociais e literárias.

Enfim, eis aí mais uma Revista da Academia, a número nove já, que nasce altiva e orgulhosa da eficiência de seus escritores acadêmicos e entregamos a todos que endossam o esforço de sua diretoria, que agora conta também com a grata colaboração de João Umberto Nassif, seu novo editor, ao qual agradecemos de todo coração à acolhida recebida.

Esperamos que gostem!

Abrços acadêmicos!

*Maria Helena Corazza*  
*Presidente*



## ÍNDICE

André Bueno Oliveira – <i>Tarado@eunuco.com.br</i> .....	7
Antonio Carlos Fusatto – <i>À minha filha Giovanna / Aposentadoria Digna – Direito Universal do Homem / Lembrança</i> .....	15
Antonio Carlos Neder – <i>Generalismo x especialismo</i> .....	21
Aracy Duarte Ferrari – <i>Esculpindo a Vida / Passagens / Tempo e Saudade</i> .....	25
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Repelente de onça estressada</i> .....	29
Carlos Moraes Júnior – <i>Arte de escrever</i> .....	31
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Volare (voejando ao som da música) / Poema imagético I / Poema Imagético II</i> .....	33
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>A saga do diamante / O espinho</i> .....	35
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Cinema Paraíso</i> .....	39
Evaldo Vicente – <i>Viver e escrever, sinônimos!</i> .....	43
Felisbino de Almeida Leme – <i>Nos abraços da paz / A paz de uma esperança / Nos braços da paz / Paz e Bem</i> .....	47
Geraldo Victorino de França – <i>Conhecendo os Recursos Naturais/ Conhecendo o Universo / Curiosidades do Universo</i> .....	49
Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>O prazer de andar sobre duas rodas</i> .....	55
Homero Anefalos – <i>Maconha é liberada no Uruguai</i> .....	59

Ivana Maria França de Negri – <i>Mulheres e suas bolsas mágicas / Encantos da minha terra</i> .....	61
João Umberto Nassif – <i>Sociedade anônima de capital aberto</i> .....	65
Leda Coletti – <i>Ninhos de Passarinhos / Mãe Negra</i> .....	69
Lino Vitti – <i>Epopéia</i> .....	73
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>É tudo por falta de diálogo</i> .....	77
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>A vida é feita de escolhas</i> .....	79
Marly Therezinha Germano Perecin – <i>Arte, ficção, literatura e historiografia</i> .....	81
Mônica Aguiar Corazza Stefani – <i>Desejos</i> .....	85
Myria Machado Botelho – <i>Estado de Espírito (Conto)</i> .....	87
Olívio Nazareno Alleoni – <i>A Saga e a Sina de Psiquê</i> .....	91
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – <i>A metodologia é tão importante quanto os objetivos e as metas (Meta é o objetivo quantificado) / Nós e DEUS / Educação / Usina, canavial, cortadores de cana / O concerto das rimas</i> .....	95
Sílvia Regina de Oliveira – <i>Reencontro / Humanity / Olmos / Lã</i> .....	101
Valdiza Maria Caprânico – <i>Travessuras da Infância / Refletindo ao por do sol</i> .....	105
Walter Naime – <i>Rua do Porto – Parque da Vida</i> .....	109
Homenagem .....	113
Colaboração especial .....	115
APL em ação – Noticiário .....	117

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA  
Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

**tarado@eunuco.com.br**

Pobre Ricardo! Ainda com as vistas embaçadas não acreditava no que estava acontecendo. Parecia um filme de terror em que tentava gritar mas não conseguia. O cheiro de éter pairando naquele quarto, fazia com que se sentisse alucinado e em estado de levitação. Dor, não sentia. Mas logo chegou a deduzir que estava ainda sob efeito de anestesia. Cada enfermeira que passava pelo corredor, fazia questão de adentrar o quarto para examinar o seu baixo ventre. Por que tantas? Tinha contado cinco delas num prazo de dez minutos. Pior que cada uma tinha reagido de maneira diferente! Uma fez cara de piedade. Outra uma expressão de espanto. A terceira exclamou: “*Santo Dio!*” A quarta disfarçou um leve sorriso. A última... bem...a última caiu na gargalhada! Que falta de ética, pensou enquanto elas cochichavam no corredor. Teve vontade de xingá-las mas faltou coragem. Conseguiu apenas resmungar: eu mereço isto, meu Deus? Que pecado fiz eu?

• • •

Pecados não lhe faltavam. Ricardo nunca fora um cara que andasse na linha. Jamais deu valor à palavra honestidade. Durante seus quase quarenta anos em uma empresa do ramo sucroalcooleiro, somente conseguiu atingir o cargo de gerente de produção puxando o tapete de seus colegas. Se achava um conquistador. Sempre arrumava confusões com as secretárias da empresa. Tinha uma esposa maravilhosa! Fiel, amável, e muito dedicada à família. Sinceramente, ele não merecia Mariana. Formada em Pedagogia, estavam casados há quarenta anos. Suas filhas, Rita e Silvia, já eram casadas e tinham suas



vidas independentes. Certa vez, Ricardo agrediu Mariana tão covardemente que acabou tomando uma surra do próprio sogro. Sempre foi um cara metido! Metido a besta!

O ditado popular que diz: *“pau que nasce torto, não tem jeito, morre torto”*, se aplicava muito bem a ele. Logo que se aposentou – e já fazia uns oito meses – prometeu a si mesmo e a Mariana, que passaria a ser um homem honesto e transparente. Ela aproveitou para dar-lhe um esporro:

– Você não vai ficar ocioso aqui em casa plantado em frente à TV... Vai?

– Não! Pretendo ir ao clube praticar esportes. Quero ficar sarado!

– Duvido! O clube fica a três quadras daqui... Quantas vezes você foi até lá a pé?

De fato, o *“Clube Cultural e Recreativo Catanduvense”* distava menos de meio quilômetro de sua casa, e ele sempre achava uma desculpa para ir de carro. Agora estava disposto a mudar. Além de muitas atividades esportivas, o clube oferecia também diversos cursos, como: artesanato, culinária, música, informática e outros. Considerando que sempre tivera uma aversão a microcomputadores, quem sabe agora, com o auxílio de algum professor do clube, conseguiria familiarizar-se com eles. Mariana tinha um bom domínio nessa área. Diversas vezes se ofereceu para ensiná-lo, mas ele nunca topou. Além do computador de mesa, tinham também em casa um notebook. Ricardo queria distância deles. A única usuária era Mariana, e raras vezes as filhas, quando estavam em visita à sua casa. Para não dizer que o “folgado” era completamente leigo, chegou a desenvolver um controle de estoque, num computador de rede interna, quando trabalhava na Usina Catanduva. Estava convicto, porém, que manusear um computador de empresa - apenas com rede interna - não era a mesma coisa que operar um micro.

Com relação a esportes, quando era adolescente teve certa competência em tênis de mesa. Pensando nisso, resolveu ressuscitar seus dotes adormecidos. Cada vez que ia ao

clube, arriscava umas raquetadas com alguns colegas de sua faixa etária. Isso lhe fez bem, pois seu núcleo de amizades começou a se expandir. Além de se exercitar fisicamente, alimentava o relacionamento social. Começou ir a pé de casa ao clube, contrariando a bronca que Mariana tinha lhe dado. Sempre que surgia um campeonato interno de tênis de mesa, lá estava ele eufórico participando. Até encontrou um excelente parceiro para as disputas em dupla. Era um médico japonês, doutor Kasuo Hiroshita, que nas horas vagas tinha o mesmo hobby. Na “CUST - Clínica de Urologia Santa Tereza”, Dr. Kasuo liderava uma equipe de quatro médicos. Era um excelente cirurgião, que além de trabalhar em sua clínica, atendia à consultas e cirurgias no “Hospital Santa Cecília” de Catanduva. Ricardo estava felicíssimo por ter um parceiro médico, e mais ainda por ele ser japonês, pois os orientais sempre foram líderes mundiais nesse esporte. Sentia-se orgulhoso e não poupava esforços em espalhar tal notícia por onde andava. Numa exposição de artesanato realizada no clube, fez questão de levar Mariana para conhecer seu novo amigo. A exposição estava sendo organizada pela esposa do Dr. Kasuo, professora Priscila, que dentro do clube, era a responsável pelos cursos de artesanato e informática. Foi um encontro maravilhoso, onde Mariana e Priscila se tornaram também amigas. A partir desse encontro, a relação entre eles foi se expandindo mais ainda. Encontravam-se com muita frequência nos eventos sociais que o clube oferecia. Num desses encontros, em conversa informal, Mariana deixou escapar que Ricardo tinha horror a microcomputadores. O papo foi se prolongando, e Priscila fez uma explanação detalhada, mostrando a facilidade em se operar um micro – coisa que Mariana já sabia. Ricardo, por sua vez, ficou entusiasmado ao ouvir as explicações da mestra. Acabou até se convencendo que poderia tentar tal aprendizado. Dr. Kasuo aproveitou para incentivá-lo:

– Ricardo, você não imagina como é fácil. Por que não tenta? Hoje em dia é tão importante ter um e-mail e se comu-

nicar via Internet. Você vai aprender a anexar documentos, fotos, para qualquer pessoa do outro lado do mundo.

No dia seguinte o leigo candidato foi até ao clube para matricular-se. Tinha que enfrentar aquele monstro que sempre o assombrou. Além do mais, a professora seria a Priscila – amiga da família.

Começaram as aulas. Além das apostilas que seguiam, a professora queria que houvesse uma interação entre os alunos, de forma que cada um pudesse ensinar ao colega. Com isso, Ricardo foi se soltando, e, paulatinamente, aprendendo. Depois das aulas iniciais, - abrir pastas, praticar digitação, redigir textos no Word - precisou criar um e-mail, pois um dos exercícios utilizados por Priscila era a troca de comunicações via Internet entre os alunos, inclusive com a participação dela própria. Trocava informações com todos, para ver a evolução deles. Depois de quatro meses, Ricardo estava se sentindo vitorioso. Já não tinha mais aquele receio do microcomputador, que por muitos anos tinha sido um fantasma em sua vida. Enviava e-mails aos colegas bem como à mestra. Mariana também colaborava nesse sentido, enviando e-mails ao próprio marido e também respondendo os dele. Assim, o entusiasmado aluno foi se aperfeiçoando cada vez mais. Nos encontros sociais do clube, recebia elogios tanto da professora quanto do Dr. Kasuo.

Na medida em que o tempo foi passando, a troca de e-mails com a professora Priscila, fez com que Ricardo criasse certo excesso de liberdade. Não sabia discernir a amizade da liberdade. O antigo carma da malandragem daquele cara metido a besta, ainda estava vivo. Descaradamente começou paquerar Priscila. A princípio elogiava sua beleza, suas qualidades, sua inteligência, até chegar ao ponto de elogiar seu corpo, o perfume que usava, sua postura, seus cabelos, o sorriso, dando a entender que estava a fim dela. Para não estragar o bom relacionamento que havia entre eles, Priscila foi contornando a conversa, fazendo de conta que não estava entendendo muito bem onde ele queria chegar. Tinha que preservar

os laços familiares. Era fiel a seu marido e prezava muito a amizade com Mariana. E pior de tudo: acabou descobrindo a falsidade oculta naquele “*grande amigo*” e parceiro esportivo de seu marido.

A ousadia de Ricardo passou dos limites. Num dos e-mails, disse a Priscila que estava apaixonado por ela, que gostaria de vê-la através da webcam para conversarem mais intimamente e pior ainda: convidou-a para ir a um motel. Priscila reagiu de forma drástica, dizendo que mostraria tal proposta a seu marido e que teria uma conversa com Mariana sobre esse absurdo. Xingou-o de tarado, vagabundo, sem vergonha, e indigno da amizade dela e do marido.

Diante dessa reação, Ricardo se apavorou! Jamais pensava que Priscila teria a coragem de delatar sua ousadia. Começou a sentir um suor frio, e uma leve taquicardia. Imediatamente enviou um e-mail para Priscila se desculpando pelo ato cometido. Aguardou sua resposta até altas horas da noite, e nada! Nenhuma resposta! Foi para a cama muito perturbado, e acabou perdendo o sono. Não conseguiu dormir. Por volta das cinco horas da manhã – ainda sem pegar no sono – levantou-se e voltou ao computador. Abriu seus e-mails. Nada! Nenhuma resposta! Ficou mais apavorado ainda. Dirigiu-se ao banheiro para urinar, mas não conseguia expelir uma gota sequer de urina. Abriu a torneira do lavatório para estimular...Nada! Com a bexiga cheia e sem conseguir esvaziá-la, começou a sentir um desconforto insuportável. Entrou em pânico. Voltou para a cama e tentou se acalmar. Minutos depois, com a bexiga mais cheia ainda, voltou ao banheiro. Tentou, tentou... Nada! Abriu novamente a torneira... Nada! Sentou-se no vaso sanitário... Nada! Começou a sentir dores na bexiga. Não teve outra solução: acordou a esposa e explicou a ela o travamento de sua micção. Mariana se levantou, se vestiu e, imediatamente, levou-o de carro até ao setor de emergência da “CUST – Clínica de Urologia Santa Tereza”. A caminho da clínica, Ricardo pensava na infausta possibilidade de lá encontrar o Dr. Kasuo como plantonista. Por sorte lá

estava um de seus assistentes, Dr. Otávio que utilizou o método de escoamento por sonda através da uretra, pois se tratava de uma pequena hidronefrose, que obstruiu a passagem da urina da bexiga para a uretra. Em conversa mais detalhada, Dr. Otávio descobriu também, que jamais Ricardo tinha feito uma consulta com um urologista. Diante disso, aproveitou para examinar sua próstata através de toque retal e constatou que ela estava com um volume muito acima do normal. Pediu com urgência um exame quantitativo de urina, uma avaliação da dosagem do antígeno prostático (PSA) e ecografia abdominal total - do aparelho urinário.

Na semana seguinte, enquanto providenciava seus exames, Ricardo não se cansava de examinar seus e-mails. Nenhuma resposta de Priscila! Com todos os resultados em mãos, e ainda relutando com uma obstrução urinária mais moderada, retornou à clínica. O susto foi enorme. Os resultados indicavam que ele era portador de uma HIPERPLASIA BENIGNA DA PRÓSTATA.

– Que significa isso, Dr. Otávio?

– Não se assuste. É um aumento benigno do volume da próstata. Poderíamos até tentar um tratamento com “*Finasteride*”, porém o seu caso é de extrema emergência, e com isso, devemos proceder a uma ressecção transuretral: a RTU. Trata-se de uma cirurgia desobstrutiva realizada através da uretra. Introduzimos um fino cateter com um pequeno rebole na ponta, o qual em movimento rotativo, vai desbastar a circunferência da próstata. Todo o processo será acompanhado por mim e por meus assistentes, através de uma videocâmera. A hemostasia é feita logo em seguida e depois introduziremos uma sonda uretral. Num prazo de vinte e quatro horas, mais ou menos, sua bexiga passará por uma lavagem natural – você vai ter que tomar bastante água – e quando a urina clarear, poderá ir para casa. O processo é indolor, pois é feito sob bloqueio anestésico, preferencialmente a raquidiana. Podemos marcar para depois de amanhã?

A cirurgia foi agendada. Seria realizada no Hospital

Santa Cecília. Teria que se internar na véspera, por volta das vinte horas. No dia seguinte o procedimento teria seu início logo de manhã.

Mariana se encarregou de levá-lo ao Hospital. Ao se despedir, ela chorou enquanto o encorajava. Ricardo também se emocionou, e por alguns segundos sentiu remorsos pela sua deslealdade e infidelidade praticadas contra a esposa. Chorou também.

A noite foi longa. Ricardo não conseguiu pregar os olhos. Logo de manhã, duas enfermeiras adentraram o quarto com uma maca. Uma delas fez a assepsia de seus órgãos genitais enquanto a outra aplicou uma injeção em seu braço. Passou a sentir uma leve sonolência, quando num repente Dr. Kasuo entrou no quarto: – Bom dia, bom dia! Tudo bem Ricardo? Fique tranquilo amigão. Vou acompanhar sua cirurgia. Sua esposa ligou ontem à noite para mim contando seu problema. Nesses últimos quinze dias, estive num Congresso lá em ...

Ricardo nada mais ouviu. Apagou! A injeção tomada era um pré-anestésico.

• • •

O cheiro de éter continuava forte no quarto. O vozerio das enfermeiras tinha acalmado. Os risos debochados, porém, vindos do corredor eram irritantes. Ricardo estava revoltado com o desaforo feito pelas enfermeiras. Sentia-se atordoado. O corpo ainda parecia levitar. Tentou chamar por elas, que se aglomeravam no corredor, mas a voz não saía. Tentou gesticular com as mãos. Uma delas percebendo seu chamado se aproximou da cama. Ao olhar para o seu rosto Ricardo teve um sobressalto! Ela não era enfermeira. Era Priscila, - sua querida professora de informática - que também estava vestida de branco. Entrou sorridente sem demonstrar nenhum rancor.

– Oi Ricardo! Olha só: não estou magoada não! Vamos continuar trocando e-mails numa boa. Quero, porém, que cadastre um novo endereço, exclusivo para usá-lo apenas comi-

go. Gostaria que fosse assim: tarado@eunuco.com.br. Pode ser? ... E saiu do quarto gargalhando...

– SOCORRO!!! Berrou ele desesperado, notando porém, que a voz não saía.

Nesse exato momento percebeu seu abdômen se inclinando para a frente. Acordou assustado!!! Era Mariana que estava virando a manivela de sua cama hospitalar para deixá-lo numa posição angular.

– Bom dia, querido! Até que enfim acordou! Você parecia estar tão agitado! Já é quase meio-dia. Estou aqui desde nove horas esperando você voltar da anestesia.

– Alguém mais entrou aqui? Alguma enfermeira? – Perguntou assustado!

– Não! Ninguém! Quando você saiu da sala de recuperação e veio para o quarto eu já estava aqui esperando. Ontem à noite Dr. Kasuo me garantiu que acompanharia sua cirurgia e que hoje falaria conosco. Vamos aguardá-lo. Disse que talvez lhe dê alta amanhã mesmo! E daí? Como está? Está se sentindo bem? Alguma dor?

Ricardo concluiu que tudo fora um delírio. Um horrível pesadelo! O cheiro de éter, sim. Esse era verdadeiro. Continuava pairando no ar. Disfarçadamente, sem que Mariana percebesse, passou a mão direita entre as pernas. Apesar do volume do esparadrapo que sustentava a sonda, notou que suas vergonhas estavam inteiras.

– Sim, respondeu. Nenhuma dor! Acredito que está tudo bem!

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO  
Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

**À minha filha Giovanna**  
**Feliz aniversário (15 anos)**

O manso azul das águas,  
repousando em seu olhar.  
Suave voar das gaiivotas,  
refletindo, seu jeito de andar.

Vento tocando em seu rosto,  
louras tranças desalinhasdas.  
Sol reluzente em sua tez,  
qual semidéia exalçada.

Foi assim que avistei,  
numa manhã ensolarada.  
Estarei sonhando! Pensei,  
é minha filha ou uma fada?

Desperta, uma bela donzela!  
saía do mundo infantil...  
Caminhava pela praia deserta,  
mar calmo, horizonte céu anil.

Qual jovem sereia,  
Saída d'água de juventa.  
Comemora mais uma primavera,  
no jardim de sua existência.

*Nota:* Esta poesia foi escrita em: Setembro de 1990; hoje Giovanna é uma bela senhora.



## **Aposentadoria Digna Direito Universal do Homem**

Lendo um conceituado jornal de nosso Estado, causou-me uma grande apreensão, o radicalismo do Senhor Presidente da República e seus líderes quanto ao tratamento dado aos aposentados brasileiros; veio então à lembrança, a Declaração Universal dos Direitos do Homem; procurando entre meus alfarrábios, encontrei-a, e após confrontá-la com a situação em título, passo a transcrevê-la e comentá-la em seu artigo 1º:

- Em 10 de dezembro de 1948, a Assembléia Geral das Nações Unidas, instituiu e proclamava a Declaração Universal dos Direitos do Homem, solicitando a todos os Estados-membros que o seu texto composto de 30 artigos, fosse divulgado e disseminado em todo o mundo, sem nenhuma distinção em relação à situação política de qualquer país.

- Assim é iniciada: “A Assembléia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos do Homem, como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada sociedade, tendo sempre em mente esta declaração, se esforce através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades e, pela adoção de medidas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu conhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Estados-membros quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição”.

E, em seu artigo 1º salienta: “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência, e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.

Este espírito de fraternidade, a meu ver, é um dos tópicos mais importantes do documento, e tem sido difundido e lembra-

do através dos anos, mas infelizmente muito pouco praticado.

Em 1974, quando a Câmara Municipal de São Paulo comemorava o Jubileu de Prata da Declaração Universal dos Direitos do Homem, João Brasil Vita, num eloquente discurso conclamava: “Olhe a seu lado. Talvez você não tenha percebido que há um irmão. Olhe outra vez, veja se mais tarde será capaz de reconhecê-lo numa multidão. Não se esqueça dele, **passe a não esquecer os outros**. Viva livremente isento de manchas que a própria podridão de conceitos pseudo moralistas lhe cerram os olhos. Não se vista de conceitos, eles são pesados demais. **Negue, mas negue mesmo, que o pior inimigo do homem é o próprio homem**”.

- E neste momento, em que milhares de brasileiros, que de uma forma ou de outra, trabalharam e recolheram no contracheque impostos e contribuições previdenciárias, durante trinta, trinta e cinco anos, ou mais, vemo-los tolhidos no artigo 1º da citada Declaração, no que tange a **igualdade, dignidade e direito** e feridos os princípios do espírito de **fraternidade**. Não recebem uma aposentadoria digna para uma sobrevivência, que por todas as leis têm direito; isto sem compararmos detalhadamente com **nossos políticos aposentados**: curto período de trabalho produtivo e de contribuições previdenciárias, e polpudos salários, entre outras regalias.

- Na saúde não recebem tratamento digno e muito menos fraterno.

- Mais que nunca, num momento em que muitos irmãos vivem na miséria e no desespero é preciso não deixar morrer dentro de nós a esperança de um Brasil melhor, onde a Declaração dos Direitos do Homem seja, finalmente, um retrato fiel de toda humanidade: empregados, empregadores, religiosos, jornalistas, políticos, estudantes, etc..., deveremos marchar juntos para um destino bem definido, colaborando com os governantes de forma ordenada, mas exigente, e respondendo afirmativamente aos legítimos anseios da grande Nação Brasileira: **segurança, saúde, moradia e educação, com dignidade**: não precisa ser “Padrão FIFA”;

- Mas isso só será possível se realmente todos juntos, unificados pelos mesmos ideais de progresso profissional e individual, somarmos nossos esforços, no sentido de atingirmos os objetivos;

- A cada etapa vencida, novos objetivos surgirão, novas metas serão propostas e novos esforços serão despendidos por todos; o elemento propulsor dessa dinâmica deverá ser sem dúvida, o trabalho sério, contínuo e pertinaz dos nossos **líderes políticos**. E quando essa espiral infinita tornar-se dinâmica, seremos realmente uma **GRANDE NAÇÃO**, pois não aceito **países subdesenvolvidos**, aceito sim **países subadministrados**.

- Senhores políticos! A era do ponto de vista puramente legalista ou ideológico está passando, tudo é dinâmico. Hoje o processo de solução deve ser político; mas de alto nível e transparência, afinal o caixa do INSS é dinheiro do trabalhador, o governo nada mais é que seu administrador e fiel depositário.

- Senhores políticos! Desonestos, apropriadores indébitos de valores, legisladores de causas próprias, mensaleiros, etc..., etc..., o Brasil está mudando, a postura de **alguns** ministros do Supremo Tribunal de Justiça causa-nos orgulho e esperança e, nós, brasileiros, estamos atentos a tudo.

- Senhora Presidente e líderes governamentais! Nós, brasileiros, estamos mudando; os meios de divulgação de massa difundem tudo que acontece, estamos adquirindo o hábito da leitura (embora paulatinamente), as lideranças sindicais e entidades de classe estão amadurecendo, e com isso aprendemos a pleitear nossos direitos. E chega de pagarmos pelos erros dos planos econômicos.

**Nota:** "Há algum tempo, escrevi este artigo baseado em textos divulgados em nossa mídia: analisando-o naquele tempo não muito distante, com o presente, tomei a decisão de reescrevê-lo, com algumas adequações; pois nada ou quase nada mudou neste cenário!"

## Lembrança

A calidez do sol se acalmando:  
gorjeios dos pássaros,  
balançando os ramos das árvores,  
fragrância de flores pelo ar.

Trazem ao peito,  
a nostalgia do entardecer.

A saudade vai... vem...,  
não quero lembrar,  
preciso esquecer,  
aquele entardecer.

A tênue silhueta,  
sumindo no horizonte  
multicolor.

Ela indo embora,  
cheia de sonhos e desejos,  
carregada pelos  
vagalhões da vida!...



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS NEDER**  
Cadeira nº 15— Patrono: Archimedes Dutra

## **Generalismo x especialismo**

Partindo do pressuposto de que a problemática da educação de qualquer país é consequência e não causa da situação sócio-política, econômica e cultural, deveríamos debater alguns dados para podermos compreender os rumos do ensino superior em geral e do ensino da área médica, em particular, que iremos analisar. Após a II Guerra Mundial, verificamos que a transmissão da cultura, compromisso tradicional da universidade foi cedendo lugar a filosofia de preenchimento das necessidades imediatas. Substituiu-se a ética do ser, pela ética do ter.

O aluno é visto como um produto para o mercado de trabalho. Os vestibulandos passam a procurar as profissões cuja imagem é de sucesso no campo econômico e social. Não se indaga se o aluno tem aptidão para determinada profissão, quais suas capacidades, tendências, indicações ou vontades. Na saúde, há a necessidade de generalistas, mas formam-se especialistas. É necessário dedicar maior atenção aos problemas coletivos, mas os formados são orientados para problemas individuais.

Particularmente, na área da saúde, surgem especialistas e técnicos que lançam mão de métodos sofisticados, instalações luxuosas, custos elevados, destinados a atender uma pequena parcela da população economicamente privilegiada. O restante da população, quando consegue tratamento, este é feito em serviços mal instalados, deficientes em pessoal e material, onde conseqüentemente, o atendimento é precário.

As técnicas, as terapêuticas, os materiais, os equipa-

mentos cada vez mais caros vão também diminuindo o número de profissionais que podem instalar sua clínica particular. Diminui o número de profissionais que trabalham em consultório próprio e o que vemos hoje é o aumento do número de assalariados, empregados de empresas privadas ou funcionários de serviços estatais.

Do ponto de vista da prática liberal, não há clientela para os mais de vinte mil profissionais que se formam por ano na área médica. E mais, uma vez que o corpo docente é exatamente formado por especialistas de alto renome e grande sucesso, a ideia que lhe é incucada é de que somente especializado é que poderão sobreviver.

A universidade tem dificuldade de proporcionar ao estudante uma visão crítica da realidade profissional. O aparelho formador de recursos humanos se vê diante de um dilema. Como administrar o fato de ter que ensinar uma sofisticada tecnologia de ponta ao mesmo tempo despertar a atenção para as necessidades de uma população extremamente carente?

Torna-se fundamental estruturar os currículos em função das necessidades da sociedade de hoje e não pela divisão do saber, que se expressam nos dias atuais pelas especialidades existentes. Deveria se incentivar, nos currículos, uma ótica social assumida pelos professores e não existir simplesmente, uma outra disciplina estanque praticamente criada para aliviar os demais docentes dessa responsabilidade e que, inclusive, acabam por hostilizar essa visão porque está em dissonância com tudo que ensinam.

Em síntese, é necessário formar um clínico geral com sensibilidade social, capaz de prestar assistência primária de saúde, com conhecimentos básicos das ciências do comportamento e da realidade sócio-econômica que o envolve, e que veja o seu paciente como um ser singular bio-psico-social. Outro problema é a má distribuição dos profissionais no país. A Organização Mundial de Saúde prevê três mil pacientes para cada profissional. No sul do país e especialmente no Estado

de São Paulo esse número é aproximadamente trezentos, o número de profissionais é exagerado.

Em compensação no Norte e Nordeste ocorre o inverso. Lá temos cerca de doze mil pacientes por profissional. Assim, enquanto no Sul do país os profissionais de saúde estão em grande número, no Norte e Nordeste eles estão em falta, principalmente os generalistas.

Com isso, obviamente, não pretendemos acabar com os especialistas, porém a especialização é um mal, mas é um mal necessário e inevitável, porque a vastidão dos conhecimentos não permite hoje o enciclopedismo e nem todos tem as aptidões e qualidade que certas especialidades exigem.

É preciso, portanto, que haja especialistas e o que queremos dizer é que não se deve transmitir ainda nos bancos escolares uma visão fragmentada da profissão, sem antes armazenar uma cultura geral e básica da área médica.

Se o especialista vem com o tempo e o amadurecimento, convêm combater com veemência o “especialismo”, isto é, especializações exageradas que surgem dentro das já existentes, fragmentando cada vez mais o saber e fazendo com que os profissionais saibam cada vez mais de cada vez menos. Como não se desenvolve nas Faculdades esta filosofia, os profissionais formados acabam se frustrando por falta de conhecimentos gerais, básicos e diminuindo muitas vezes a qualidade dos serviços que oferecem.

Por outro lado aumenta dia-a-dia o número de desempregados. Ficamos assim com duas populações carentes: uma formada por clientes em potencial que não tem como pagar pelos serviços recebidos e outra de profissionais que não receberão uma prestação pecuniária pelos serviços que poderiam oferecer.

O equacionamento desse impasse, na nossa opinião está em voltar a ensinar a ética do ser, isto é, desenvolver nos currículos da área médica-odontológica, os aspectos afetivos ao lado dos cognitivos e psicomotores da profissão. É o caso do ensino da sociologia, da psicologia, da orientação profissional



enfim, das chamadas ciências sociais que hoje formam o fulcro que vai separar aqueles que ainda enxergam a profissão médica de forma microscópica, daqueles que tem a visão macroscópica da mesma. Esses últimos estarão aptos a analisar os aspectos políticos, econômicos, e psicossociais que envolvem o seu dia-a-dia.

Com esse esboço apresentado, formar-se-iam profissionais que não ficam nos seus consultórios como se estivessem presos em uma redoma, mas sim preocupados com as entidades de classe que os representam, com as Faculdades que o formaram, com os professores que os educaram e com a população que esperam deles uma resposta para os seus problemas.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI  
Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion

## Esculpindo a Vida

Vivemos num vaivém contínuo e desconexo, que nunca chega e não leva a lugar algum. Não raro, nos pegamos realizando tarefas repetitivas e inúteis, na esperança de ter como retorno alguma forma de compensação, que jamais nos é dada. Nosso comportamento cotidiano, é tão automático, que muitas vezes duvido que existam aquelas tais normas que nos regulam, ou nos fazem vivenciar fatos. Muitas vezes me pego negando a tal sociologia, pois na minha vida os fatos acontecidos nem sempre estão aliados a caminhos preestabelecidos, trilhados somente dentro de parâmetros definidos!

A história diz justamente o contrário do que os sociólogos imaginam, porque ela não ocorre emoldurada por modelos. Ela acontece apenas como uma sucessão de fatos que envolvem pessoas diversas, que vivem vidas particulares. As pessoas que fazem a história não são sempre líderes, que realizam coisas prodigiosas, de tal monta, que fazem outras pessoas seguirem seu exemplo. Pelo contrário, a história acontece no seio da humanidade comum, onde ninguém está buscando notoriedade, mas pensando somente naquilo que lhe interessa, porque já que a vida humana é um constante desafio, aquele que se rebela contra o senso comum, aquele que protesta porque alguma coisa está errada, está se destacando na multidão e na certa está escrevendo a história.

Quem protesta contra situações indesejáveis, sem perceber, subliminarmente é cobrado a assumir um determinado papel, próprio de quem está em posição de liderança e provoca novas adaptações, como também, com suas ações, leva outras

pessoas a infringirem as normas, para lutar contra determinados padrões. E mais... Eles nos ensinam que não podemos nos omitir, pelo contrário, devemos sim, dentro de parâmetros bem definidos, tomar as atitudes necessárias, quando assim julgarmos conveniente e de acordo com o momento.

Por outro lado, papéis assumidos como imposição, motivados por normas definidas, não produzem, nem realizam, impedem o crescimento e a ação individual, porque a partir do momento em que assume um papel, o ser se torna o grupo e o formaliza como se fosse o ser.

Assumir livremente desafios, adotar novas atitudes e comportamentos atípicos, são necessidades e não definições históricas e sociológicas, baseadas nas nossas experiências anteriores. Só a liberdade de ser, de sentir, de viver sem a camisa de força de todo humano, nos fará ir esculpindo a vida de acordo com nossa personalidade e dentro do contexto da nossa vivência.

## **Passagens**

Jamais conseguirei escrever tudo o que intenciono: lembranças, registros históricos passados e presentes, e mais, projeções, sonhos, que envolvem passagens engraçadas, coloridas, matizadas, coisas intrigantes, temas sobre os amigos, relativos aos amores que tive. Passagens da minha vida, da minha vivência junto a pessoas de idades diferentes, de personalidade vária. Passagens de mim, emotivas, envolventes, tímidas, que podem causar diferentes sentimentos, gestos espontâneos, envolvimento, sorrisos e sustos. Enfim, pura emoção!

Idealizo também pintar, não uma natureza-morta, uma tela de formas contemporâneas, mas uma paisagem estranha. Uma forma humana construída com pontos de interrogação,

de exclamação, vírgulas, pontos finais e pontos e vírgulas, tudo em cores vibrantes, amenizadas pelas perguntas e respostas, que farão contraste por causa das tonalidades claras. Corpo estranho, meio humano, meio grotesco, figura inespecífica e inexata, corpo desconhecido que pode representar qualquer ser, qualquer imagem.

Pensei em pintar um autorretrato! Mas descobri que a minha imagem se encontra no meu relicário e não deve ser exposta assim, sem mais nem menos. Para mim, a imagem de todas as pessoas está bem guardada em seus respectivos relicários, que devem ser abertos com muito cuidado! Quando a imagem é exposta, na certa, o coração pulsará descompassadamente, porque nesse momento ela desnuda os envoltórios amorosos presentes e passados! Somente o retorno à escuridão, na qual sempre viveu, dará conta de acalmá-lo, tornando-o feliz e ritmado outra vez.

Não desisti do meu intento por causa disso, somente compreendi que tudo deve acontecer no seu tempo exato, como os fenômenos naturais acontecem segundo as regras precisas da física... Para que os fenômenos humanos também ocorram na mesma ordem, devemos ser sensíveis, cumprir as pessoas, devemos ser alegres, cantar, e se possível, distribuir gotículas de amor junto com o vento que acaricia o nosso rosto. Devemos ainda enxergar em nosso redor o outro, o próximo, falar com ele palavras coerentes, estimuladoras, porque não existe no mundo quem não precise de um alento, de elogios diretos, ditos olho no olho, e de carinho, tudo isso que é capaz de elevar a autoestima.

Porque na rotina diária da nossa vida nos confrontamos com contratempos, e por isso é importante que cada um tenha a sensibilidade de estender a mão para quem está desarvorado e não consegue distinguir o que é positivo do que é negativo nas situações que enfrenta. Tudo são passagens, na verdade, aquela atravessada pelo desarvorado e a outra que mostra como podemos ser mais humanos.

## **Tempo e Saudade**

Outrora o tempo era colorido, harmonioso, irradiava bons fluídos. As famílias eram grandes e os seus membros continuavam a tecer o futuro, com o mesmo fio da meada utilizado no início das gerações precedentes. Os padrões de comportamento já estavam cristalizados, de acordo com sólidas diretrizes.

Os adultos moldavam de maneira exemplar os imaturos, preparando-os para conviver em sociedade. O simples olhar de uma pessoa mais velha era tão forte que disciplinava os mais novos aprovando ou rejeitando alguma atitude praticada sem a necessidade de palavra alguma. Era utilizado também o assovio ou uma expressão gestual.

Assim os jovens aprendiam a ser honrados, honestos e produtivos. E essas expressões não eram apenas palavras no dicionário, mas valores importantes no procedimento das pessoas. Mas tudo apoiado na base do amor.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA

CAPELETI

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

## Repelente de onça estressada

Em Piracicaba, lugar onde os peixes param à sombra das pontes, pra se abanar, estava fazendo uns 37 graus centórridos. Era dezembro, época em que os cardumes transpiram tanto que elevam as águas do rio, causando inundações na rua do Porto. O que fazer? Uns jesuítas civilizaram meus tataravós e convenceram a tribo familiar a andar vestida além da conta. Não bastava um leque de penas de arara amarrado à cintura, meu Santo Inácio?



Prestes a entrar em ebulição, tomei um avião pra Manaus. O plano era voltar às origens: pegar um táxi direto do aeroporto pra selva, jogar a roupa longe e só voltar pra casa quando o clima recuperasse o juízo.

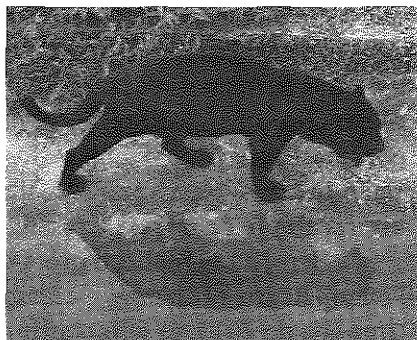
Não foi preciso tanto. Manaus estava menos quente do que Pira, lugar onde os peixes param pra tomar garapa com gelo. De bermuda, camiseta e protetor solar, meu marido e eu batemos perna pela cidade. Nem usamos repelente de insetos. Mesmo dentro da floresta, nenhum mosquito se interessou por nós. Preferiram o sangue dos turistas estrangeiros, ao qual estão habituados. O que fez falta, num momento crucial, foi um repelente de onça estressada.

Bem, na verdade, o protagonista da cena cômica foi um “onço” negro brilhante, estressadíssimo pelas bombas do último dia de 2013. O felino aflito vive em Manaus, num enor-

me onçário muito bem-cuidado, dentro do zoológico do CIGS – Centro de Instrução de Guerra na Selva. Calma, defensores dos animais! Os bichos desse zoo são levados pra lá pelo próprio Ibama – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – que os salva de caçadores. Feíinos, aves, jacarés e todos os animais que vimos recebem tratamento cinco estrelas e só continuam presos se não tiverem condições de voltar pra selva.

O onçário, além de vegetação e área coberta, tem até um riozinho no meio, onde as onças podem beber água e tomar banho. Com tanto espaço pra brincar e correr, nosso gatão luzidio se limitava a andar em linha reta, de um lado pro outro, num percurso de míseros quatro metros! Da passarela elevada que atravessa o recinto, nós fotografávamos, falávamos com ele, mas nada alterava esse comportamento estranho. Foi aí que reparamos nas bombas estourando. Piracicaba, lugar onde os peixes param pra botar algodão no ouvido, é terra de gente fogueteira, que gosta de explodir dinheiro. Se o onço fosse piracicabano, já teria cometido suicídio ou roubado o algodão dos peixes. Acontece que ele era manauara e aquelas poucas bombas (pros nossos padrões) abalavam seus nervos.

Quando terminamos de ver o zoo, rodeamos o onçário e percebemos que o Gif Animado, apelido que demos ao onço, estava junto da grade. Corremos até ele, nos debruçamos sobre o corrimão e ficamos bem pertinho pra bater papo. Na maior desfaçatez, ele virou o traseiro pra nós e disparou um amplo jato de urina, como os gatos fazem para demarcar território. Que banho!!! Terminamos o ano às gargalhadas, Muita gente já foi comida por onça, mas, talvez, só nós tenhamos tomado um banho de descarrego à base de xixi de onço negro.



**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAES JÚNIOR**  
Cadeira nº 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

## Arte de escrever

Nunca estive muito certo se esse tal negócio de escrever era alguma mania, doença, ou um tipo espantoso de vocação. Talvez essa dúvida tenha resposta engatilhada na cabeça de cada um. As mais diversas... Hilariantes, doutas, quem sabe, e algumas ingênuas. O que tenho certeza, é que escrever, afinal de contas, é uma espécie de destino, uma tatuagem! Depois que se faz, não se tira mais. Ou como aprender a nadar... Você está aí pelos noventa anos, não tem mais força para nada, mas se cair na água, sai logo dando um show de estilos! É assim. A gente envelhece, os cabelos começam a pintar de fios brancos, mas é só sentar na frente do computador, e aquilo flui, como se a gente tivesse quatorze anos. Quando digo aos curiosos, que comecei a escrever com quatorze anos, fica todo mundo boquiaberto. Mas é verdade? Devia estar pela segunda série do ginásio. Naquele tempo, sexta série era ginásio. Repeti a segunda e a terceira. Quer dizer, ao invés de quatro anos fiz seis. A gente aprendia Latim, e mais umas coisas que tinha direito. Tenho culpa, se era bom em Português? Tudo o que escrevia, elogiavam... Virou uma espécie de resposta ao incentivo. Logicamente, era um amontoado de baboseiras! Valor literário acho que nem tinha... Essa idéia de carreira de escritor, de poeta, veio depois, com o tempo... Mas o entusiasmo daquele comecinho é que vale. Saíram umas belas obras-primas, das quais devo ainda ter alguns remanescentes. A utilidade? Bem... Com aquela idade nem sabia o que queria dizer essa palavra! Mas as meninas gostavam. E como naquele tempo falar de amor era difícil prá burro, as poesias serviam



para dizer aquelas coisas que, com quatorze anos, a gente engasga, engasga, e não consegue falar... Era mais ou menos assim: a menina estava interessada, a gente também, e então lá ia um bilhetezinho pra ela, com uma quadrinha. Ela dava uma risadinha, e respondia que tinha achado lindo. Guardei uma porção desses versinhos. Tive dó de jogar fora, porque eles traziam recordações. Mais tarde, uns dois anos depois, corrigi, reformei e transformei aquilo em poesia. Já deu para perceber que não comecei a escrever por vocação, mas por interesses excusos. Pior foi o que veio depois... “Escreve uma poesia para eu mandar para fulana?”. “Deixe uma poesia de recordação no meu caderno?”. Mas não podia levar pra casa, tinha que ser ali, no joelho mesmo. Um verdadeiro inferno! A encomenda já demonstra outra coisa! Havia freguesia para aquilo que eu escrevia, menos mal, porque quando isso acontece, é que os negócios vão indo bem. E pelo jeito, passados mais de cinquenta anos, a firma continua em plena expansão. Os cabelos branquearam, a idade veio, os motivos que me levam ao computador e à caneta são bem outros, mas como o velho de noventa anos, que cai na água, sei me virar e dou uma aula de *crawl*... Foi assim que aconteceu comigo antes de me tornar “Carlão Poeta”, escrever em jornal, publicar livros, fazer programa de rádio, página literária em vários jornais, escrever na Internet, essas coisas. Mas, com o passar do tempo, fui descobrindo que a pessoa não é alguém iluminado, gênio, nada disso. Quem escreve é aquela que continua criança em espírito, porque a criança tem a capacidade de sonhar e o escritor é aquele que jamais perdeu a capacidade de sonhar!

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA  
FERNANDEZ PILOTTO

Cadeira n° 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

## **Voare (voejando ao som da música)**

Na cidade flutuante  
banhada pelo mar Adriático  
imagens de castelos renascentistas  
registrados em vidros multicores

Ruas desconexas  
Janelas e portas entalhadas  
Abrigam máscaras enigmáticas  
Com lágrimas cravadas  
No jogo da luz e sombra

A Torre do Relógio, azul e dourada  
Marca um ímpar momento  
Em gôndola canal adentro...

## Poema imagético I

Ela desfila com graça  
No salto quatorze  
em crepes multicores  
desfaz-se em sorrisos  
todos enigmáticos

E o perfume do rastro  
delata uma noite de amor...

## Poema Imagético II

No transversal recorte da amplitude  
Penas sibilam denunciando emergência  
Em simétricos movimentos bilaterais  
Alçam vazios de seu vasto domínio

Pássaro céu infinito liberdade  
Sonho humano de impossibilidade  
De alçar horizontes outros  
Vagando sem rumo na imensidão azul!



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA  
DE NEGRI**

Cadeira n° 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

## **A saga do diamante**

O diamante nascera do fogo, ungado em meio às lavas rubras e quentes, gerado no magma do útero da mãe terra e ejaculados pelo vulcão em erupção.

Após esfriar, tornara-se apenas uma rocha sem brilho, cheia de arestas irregulares, incrustada na encosta da íngreme montanha.

Com o passar dos séculos, fustigado pelos ventos gelados e solapado pelas chuvas torrenciais, foi ficando cada vez mais escurecido pelo cascão de sujeira que incorporava.

Alcançou o rio, e no seu leito, foi durante milênios, rolando, rolando, em direção ao oceano.

Nunca o alcançou, mas rolou muito pelos riachos, afluentes e rios.

Quanto rolou, quanto perdeu as arestas, até que se tornou igual a tantos outros bilhões de pedregulhos a rolar, sem saber para onde ia, somente sabia rolar, como todos, sem saber o porquê, de onde vinha, nem para onde ia.

Um dia, porém, resolveu parar e ficou preso à beira do rio.

Muitos anos se passaram, e ele ali, estático, embalado pela água fria, algumas vezes suja, algumas vezes limpa, até que um dia foi içado do lodo e sentiu-se rodando num torvelinho estonteante na bateia de um garimpeiro.

Fora achado, escolhido para terrível e bela missão.

Quanto sofrimento passou. Sentiu tirarem lascas de seu corpo, e a cada lasca que perdia, após uma dor lancinante, percebia que uma luz brilhante o penetrava.

Após o calvário da lapidação, toda sua casca suja, adquirida nos milênios de contato com a terra, fora retirada.

Polido, pelas mãos do ourives, podia agora apreciar seu próprio brilho, refletindo a luz solar.

Tornara-se um diamante lapidado, um belo brilhante de muitos quilates.

Assim também é nossa alma, que vinda do Todo se turva na experiência terrestre para, lapidada pelas mãos do Criador, poder refletir a Luz Divina.



## O espinho

Lá estava ela, a planta, ao redor da casa, mostrando pequenas flores vermelhas, tão insignificantes e muitos espinhos pontiagudos.

Ao ser cortada, jorrava uma seiva leitosa e pegajosa, que todos diziam ser veneno.

– “Não deixe cair nos olhos que cega, e nem nas mãos, que queima!”, dizia minha mãe em suas recomendações maternas.

– “Cuidado! É cheia de espinhos, pode machucá-lo” dizia ela do terraço. “Essa planta não serve para nada, só para machucar. Nem sei por que a usam nos beirais das casas.”

E eu, o menino de dez anos, deitado de costas no monte de areia, olhando para o céu azul, via as nuvens algodo

nosas a se moverem e a se juntarem umas às outras.

Os pensamentos voavam imaginando se era o vento que movia as mesmas ou se era a terra que rodava, e elas eram fixas no céu, assim como a lua e o sol parecem se mover.

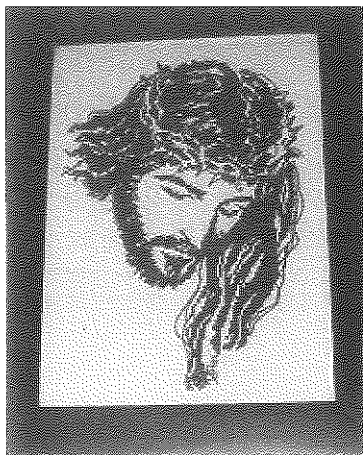
Como menino curioso, sempre pensando e tentando encontrar explicações lógicas para tudo, imaginava porque aquela espinheira existia e qual o seu lugar na criação divina.

Hoje, adulto, deitado na areia da praia, sob o sol causticante da tarde, de olhos fechados e sonolento, sinto uma gota quente a cair na testa. Imagino uma gota de sangue morno me atingindo, o que me leva à imagem do Salvador na cruz, e a gota pingando na sua frente pelo espinho encravado da coroa-de-Cristo. Estava ali a resposta, tão fácil!

Se não fosse tal espinho, talvez não tivéssemos a salvação. Abro os olhos, passo a mão na testa e amasso um excremento quente com o qual algum pássaro me atingiu.

Pulo enojado, limpo a mão na areia, e quando vou xingar, lembro-me que, se não fosse tal excremento, nunca teria descoberto quão importante foi aquele espinho.

Na missa do domingo, ao fitar a face do Cristo no altar, tive a impressão que Ele piscou para mim.





---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA  
SILVEIRA

Cadeira nº 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

## Cinema Paraíso

Quando nos lembramos dos tempos áureos dos cinemas, nos dá muitas saudades. A maioria das pessoas de qualquer idade tinha o cinema como referência primordial de lazer, tanto à noite como nas matinês de fins de semana. Onde hoje é o Clube Coronel Barbosa foi o Cine São José e as matinês eram muito frequentadas pela criançada e adolescentes da época, pelo horário conveniente para a idade e pelos filmes e seriados mais baratos, porque passavam dois filmes durante a tarde. E todos deviam voltar na próxima semana para assistir à continuação da aventura que sempre parava num momento de suspense em que o mocinho estava exposto a um perigo mortal, do qual sempre se safava de alguma maneira.

As crianças batiam os pés no chão do salão na maior empolgação se integrando no papel do mocinho contra o monstro ou contra o bandido. Meninos passavam pelo corredor vendendo amendoins salgados, pipocas e balas e conforme as cenas de perigo iminente tudo era comido, mastigado afoitamente e sem parar, por causa da tensão da cena. O vendedor de amendoins não desejava outro emprego, pois assistia a todos os filmes de graça.

O cinema frequentado pela elite, nessa época, era o Cine Broadway na Rua São José, onde passavam os melhores filmes, de mais classe e para adultos. Muitos menores de idade se fossem altos, procuravam enganar o porteiro mentindo a idade, só para poderem entrar. As moças ocupavam suas cadeiras, mas não paravam quietas no lugar, era um tal de ir ao



banheiro ou falar com alguma amiga que estava mais atrás. Depois ficavam em pé, de costas para a tela, para serem vistas pelos rapazes e poderem flertar, até se apagarem as luzes da sala de espetáculo. Era um verdadeiro *footing* dentro do cinema.

Era moda ter um leque de sândalo, e coitado de quem se sentava perto da dona do leque, porque o aroma forte do perfume impregnava todo o ambiente. Também procuravam estrear uma roupa nova para ir ao cinema. Os rapazes que tinham terno de linho branco 120, passado a ferro com todo carinho, costumavam rolar um pouco na cama para amassá-lo, para não parecer um terno recém-saído do cabide.

Os namorados não entravam juntos, para que os pais não percebessem, ou por falta de dinheiro para bancar o ingresso da namorada. A mesada era curta. Então, no apagar das luzes, os namorados iam se sentar nas poltronas reservadas para eles pelas namoradas. “No escurinho do cinema chupando dropes de anis” era o lugar ideal para uma aproximação mais envolvente e romântica. Mas o lanterninha não dava trégua aos casaizinhos, iluminando-os e pegando-os no flagrante delito.

Alguns engraçadinhos imitavam galinha, pato, bem na hora mais dramática da cena de amor que o filme exibia. Era só risada. Nossa! Como a gente ria naquela época! Ríamos de tudo!

Outros cinemas como o Colonial, o Politeama e depois o Palácio ficaram famosos em diferentes épocas, com filas enormes para comprar o ingresso e para entrar. Com o advento da televisão os cinemas foram decaindo até serem fechados, encerrando uma época áurea que marcou muito, principalmente a juventude daquela época. Do cinema do Comurba é melhor nem falar, nem deu para tomar o gostinho, caiu como um castelo de cartas.

Os filmes musicais e românticos influenciaram bastante as jovens da época que os preferiam e quanto aos rapazes gostavam mesmo de temas de faroeste, cheios de poeira. Nos banheiros, embaixo dos chuveiros soltavam as vozes imitan-

do Bing Crosby, Gene Kelly, Doris Day. As roupas de Elisabeth Taylor, Marilyn Monroe e outras mais, eram imitadas. O estilo de vida americano influenciou muito nessa época.

Os filmes traziam exemplos de famílias bem formadas, que mostravam o respeito entre pais e filhos e entre irmãos. As domésticas, agregadas na família, eram amigas de todos e amadas pelas crianças da casa. Havia cenas pungentes de união familiar e amor entre eles todos. A cachorra Lassie dominava e passava só exemplos de fidelidade. Pensando em tudo isso vem à minha mente o título de um filme que define bem essa época: “Como era verde meu vale.”



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EVALDO VICENTE**

Cadeira n° 23— Patrono: Leo Vaz

**Viver e escrever, sinônimos!**

Piracicaba conhece Cecílio Elias Netto, ora como jornalista corajoso, ora como escritor incomparável, ora como jornalista odiado, ora como escritor amado. Sabe tão bem disso, o próprio Cecílio, que nunca se preocupa com o que pensam ou falam dele. Se for texto, aí sempre respondeu, apaixonado e adorável na polêmica escrita. O importante, para ele, e tão somente para ele, é que sempre escreveu, continua escrevendo, escreverá para e por muito mais anos. Nas crônicas do “Bom Dia” — coluna na imprensa local por meio século! —, está o filósofo, o pensador, o professor, o mestre, ao mesmo tempo em que, pelas mesmas crônicas, está o inimigo político, o adversário, o polêmico.

Mas vale, aqui e agora, Cecílio Elias Netto escritor, com passaporte de sobra, e muita sobra, para as Academias Brasileira e Paulista de Letras, entidades que perdem sem tê-lo como um ou dois dos 80 fardões que a intelectualidade elege, de tempo em tempo. Só que, por ele mesmo, nada de ser candidato, de fazer “social” ou mandar curriculum, de apresentar seu nome com seus livros, agora mais de vinte.

Um dia, talvez, Cecílio será descoberto por acadêmicos que pensem nos sodalícios como casas realmente de letras... Ou bastou que, aos 22 anos, tivesse a presença do então governador Carvalho Pinto no lançamento de “Um Eunuco para Ester”? Foi elogiado por Augusto Frederico Schmidt, crítico da época. Ou, aos 16, escrever — para alegria de João Chiarini, fundador da Academia Piracicabana de Letras — “As reticências na poesia de Paulo Setúbal”, na bela e inspiradora Tatui?

Se alguns versos podem sintetizar o poeta, uma crônica pode sintetizar o cronista: “O ser humano, nunca como atualmente, precisa de perdão. E de compaixão”, escreve na crônica “Vítimas inocentes e diálogos”. O bom é ler e sentir, num estilo forte, o que Cecílio Elias Netto desenvolve no texto como um todo, tal a facilidade com que desliza as palavras, os verbos, os adjetivos e substantivos, usando-os de forma bem particular, serena, tranquila e agressiva, se necessária. As palavras estão ao seu dispor e ele as usa para contar o que pensa, sem medo. Conta de tudo, muito de si mesmo, longe de preocupar-se com o que pensam do que ele pensa. Por isso, libertário, escreve mesmo que preso ou autoexilado em sua própria casa e em sua própria terra.

O ser humano precisa, sim, de perdão e, por isso, é bom, como Cecílio, ter a certeza de que “os simples sempre descobrem antes: viver é um ato permanente de louvor a Deus. Os sofisticados demoram a aprender”, na crônica “O divino no asfalto”, porque sabe de suas angústias e fraquezas, mas também sabe agir diante do medo, apesar de não tanto corajoso. Cecílio sabe perdoar, mesmo pouco perdoado.

Corajoso – mais do que ele próprio! -- é seu estilo, ao escrever o que pensa para o comum do povo entender bem e para os magistrados pensarem muito. Tirou lições de prostitutas e usou do estilo para defendê-las, ficou preso e fez o mesmo à base da somente sua manipulação das palavras, dando estética aos seus escritos, impondo-se aos desafetos pela sua forma, seu estilo, venenoso e doce ao mesmo tempo, porque o que vale, a Cecílio, é escrever. Eu o conheço bem e não me exagero em afirmar que o autor de “Bagaços da Cana” fez, dos verbos viver e escrever, sinônimos!

Numa das crônicas do “Bom Dia”, anunciou seu pangeré e contou, com suavidade, a inquietude do “cavalo que caminhou pelas areias do deserto” (...) até que, um dia, “mastigou as sobras dos canaviais piracicabanos”. Uma figura de linguagem que Piracicaba, especialmente seus leitores, ficaram a chorar e a rir, a aplaudir e a zombar, a amar e a odiar o

dono do estilo daquelas linhas, sempre elogiado na estética. Foi mais longe, ainda: criou tanto com as palavras que acabou numa pergunta, até hoje sem a resposta dos homens públicos: “Ninguém encontrará a paz se ela não for para todos”, na crônica “O pangaré, onde esta?”.

Num simples PC – que melhor parece Partido Comunista, pela história, pelo mito --, seu estilo, plenamente seu, leva a uma reflexão de que os políticos não pensam, não sabem o que fazem ou o que devem fazer. Escreve, esse Cecílio manipulador das palavras, quando pensam estar ele no jardim, ele está no quintal; quando imaginam que vai afagar, bate, e, sem bater, afaga: “Não quero mais saber da política, mas se o governo autorizar o surgimento do PC entro nele. Só o PC pode salvar a humanidade. O Partido das Crianças é a única solução. Afinal não são elas, as crianças, a maioria do povo? Por que, então, os adultos devem governar um país que é delas?”. Como ficam os políticos?

Lê-lo é bom, é ótimo, mesmo contrário às suas ideias e mudanças, alterações de vida ao longo dos anos. Mas acompanhar, numa autêntica leitura, o deslize das letras, das palavras, das orações, das frases – mais do que conhecer Cecílio Elias Netto – é reconhecer um estilista de primeira grandeza em Piracicaba.

(Prefácio do livro de crônicas “Bom Dia” (tomo 1), a ser lançado)



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME**  
Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

### **Nos abraços da paz**

Sinto a vida caminhar,  
Na brisa cintilante.  
Sonhador a murmurar,  
Vivendo amor constante.

Cultivando a amizade,  
Com gesto de gratidão.  
Grito de liberdade,  
Clamando união.

Na singela aventura,  
Encontro que satisfaz.  
Nascimento de ternura,  
Nos abraços da paz.

### **A paz de uma esperança**

No desabrochar da flor,  
Anunciando a primavera.  
Tudo gira em nome do amor,  
De uma semente de quimera.

Afagado pela vida,  
Caminho pela natureza.  
Na busca da fé perdida,  
Hoje a tenho com certeza.

Tentando me reencontrar,  
No sorriso da criança.  
Só Deus pode nos dar,  
A paz de uma esperança.



## **Nos braços da paz**

Despertando pela vida,  
Sonho com a esperança.  
Sinto a fé já surgida,  
No sorriso da criança.

Olhando o jardineiro,  
Cuidando da bela flor.  
Ah, se o mundo inteiro,  
Se irmanasse no amor.

Luz que nos ilumina,  
Desejo me satisfaz.  
Prece e bênção divina,  
Nos braços da paz.

## **Paz e Bem**

– Paz e Bem! Paz e Bem!  
São Francisco já dizia.  
E uma bênção nos vem,  
Cada hora, cada dia.

– Paz e Bem! Paz e Bem!  
Aclama um franciscano.  
Grito fiel de alguém:  
Orando: – Senhor, Te amo!

– Paz e Bem! Paz e Bem!  
À natureza e aos humanos.  
Jamais alijam alguém,  
Nossos irmãos franciscanos.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA**

Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

## **Conhecendo os Recursos Naturais**

A expressão “recursos naturais” aplica-se aos bens que existem na natureza e que podem ser utilizados em benefício das populações humana e animal. Eles garantem o suprimento de alimentos, vestuário, materiais de construção, água, combustíveis, etc. Podem ser divididos em dois grupos: a) recursos renováveis, abrangendo água, pastagens naturais, florestas, fauna silvestre e, até certo ponto, o solo; b) recursos não renováveis, incluindo petróleo, gás natural, carvão, algumas rochas e diversos minerais, cujas jazidas, uma vez exauridas, não se renovam.

A água se renova através do ciclo hidrológico; as plantas e os animais, por processos de reprodução. Um solo cuja fertilidade foi esgotada por sucessivos cultivos sem adubação pode recuperar-se após alguns anos de repouso; ou então, pela aplicação de técnicas agrônômicas. Mas se for destruído por mineração a céu aberto ou erosão severa, a natureza levará milênios para formar um novo solo.

**SOLO** - É o recurso natural básico, que suporta e alimenta toda a vida vegetal, sem a qual o homem e os animais não poderiam existir. Por outro lado, a cobertura vegetal constitui a proteção mais eficaz contra a erosão e outras causas de depauperamento do solo. Quando o homem retira a vegetação natural para cultivá-lo, a fim de produzir alimentos e matérias-primas que necessita para a sua subsistência, o solo fica exposto à ação dos agentes de desgaste: remoção de nutrientes pelas colheitas, perdas por erosão e lixiviação, salinização, etc.

Existem muitos tipos de solo, que apresentam condições muito variáveis, tais como: rasos ou profundos, arenosos ou argilosos, com ou sem seixos e/ou pedras, com declives suaves ou acentuados, fertilidade alta ou baixa, etc. Portanto, possuem diferentes capacidades de uso, isto é, aptidão para culturas, pastagens ou florestas, ou ainda, impróprias para uso agrícola, podendo servir apenas para recreação e abrigo da fauna silvestre.

Muitas técnicas foram desenvolvidas para a conservação do solo, as quais se baseiam em dois princípios básicos; a) usá-lo de acordo com a sua capacidade; b) tratá-lo segundo as suas necessidades.

**ÁGUA** - É um recurso natural essencial à vida das plantas, dos animais e do homem. As várias formas de sua utilização geram, às vezes, conflitos de interesses. Dentre as várias maneiras de sua utilização destacam-se: geração de energia, água para consumo humano e animal água do solo para as plantas, água para irrigação de culturas, águas superficiais como ambiente para os animais aquáticos, meio de transporte, meio de limpeza, etc.

Como medidas de conservação da água, recomendam-se: a) manter florestas nas cabeceiras de nascentes; b) preservar as matas ciliares, que acompanham as margens dos rios; c) evitar a poluição das águas.

**PASTAGENS NATURAIS** - Constituem um dos principais tipos de vegetação que formam a cobertura do solo, servindo para protegê-lo e para alimentação dos animais, selvagens e domésticos. São geralmente formadas por uma mistura de gramíneas e outras plantas herbáceas, às quais se juntam arbustos e árvores esparsas. Como exemplos podem ser citados: as savanas da África, as estepes da Rússia, as pradarias dos Estados Unidos e os cerrados do Brasil.

Como medidas de conservação das pastagens em geral, recomendam-se: a) divisão e lotação adequada; b) evitar o superpastoreio; c) evitar o uso do fogo.

**FLORESTAS** - São formações arbóreas que desempe-

nam papel importante no equilíbrio ecológico de uma região, com destaque para os seguintes aspectos: a) conservação da água, aumentando a infiltração no solo e diminuindo o escoamento superficial; b) eficiente proteção do solo contra a erosão; c) regularização da vazão das nascentes; d) ambiente adequado para a fauna silvestre; e) fonte de diversas matérias-primas para muitas indústrias - madeira, celulose, látex, cortiça, resinas, óleos essenciais, etc.

As florestas temperadas da Europa e América do Norte já foram em grande parte devastadas; e o mesmo está acontecendo com as florestas tropicais da Amazônia, bacia do Congo (África) e Sudeste da Ásia.

Como medidas de conservação das florestas recomendam-se: a) controle do desmatamento; b) preservação das matas ciliares; c) reflorestamento das terras impróprias para uso agrícola.

**FAUNA SILVESTRE** – Refere-se aos animais não domesticados, muitos dos quais são utilizados em benefício das populações humanas (caça e pesca).

Como medidas de conservação da fauna silvestre, recomendam-se: a) evitar a poluição dos reservatórios de água (rios, lagos e represas); b) restauração das matas ciliares; c) proibição da caça e pesca em áreas de reserva florestal.

## Conhecendo o Universo

Dá-se o nome de Universo ao conjunto matéria e energia existentes no espaço. Os astrônomos admitem que, inicialmente, toda a matéria do Universo estava concentrada em uma espécie de núcleo gigante, que sofreu uma grande explosão - "big bang", provocando a expansão do Universo.

No Universo, tudo é fantástico. Existem milhões de

galáxias - aglomerados estelares formados por bilhões de estrelas unidas gravitacionalmente e geralmente associadas a grandes quantidades de poeira e gases! As distâncias são medidas em anos-luz, isto é, a distância percorrida pela luz, com a velocidade de 300.000km/s, durante 1 ano!

A Via-Láctea é a galáxia na qual está situado o nosso sistema solar. O seu aspecto externo é o de uma nebulosa espiralada.

O sistema solar compõe-se de 1 estrela média - o Sol, 8 planetas, 32 satélites, cerca de 1.500 asteróides e mais de 500 cometas, além de aglomerados de poeiras e gases.

Aproximadamente 99% de toda a matéria do sistema solar está concentrada no Sol; do 1% restante, a Terra e a Lua, em conjunto, constituem menos de 1%.

Atualmente, são reconhecidos 8 planetas: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Recentemente, os astrônomos excluíram Plutão, agora considerado asteróide, juntamente com Ceres, Palas, Juno, Vesta etc.

## Curiosidades do Universo

a) A nossa galáxia, a Via Láctea, abrange o sistema solar (com o Sol, os planetas e satélites), mais de 500 cometas e cerca de 100 bilhões de estrelas.

b) Rodeado por três anéis, Saturno é o mais deslumbrante dos astros do sistema solar. Possui 9 satélites, sendo Titan o maior deles.

c) As estrelas cadentes não são estrelas, e sim aerólitos, isto é, fragmentos de meteoritos que, ao penetrarem na atmosfera terrestre, se tornam incandescentes.

d) As auroras polares são um dos fenômenos mais belos oferecidos pela natureza. Ocorrem nas regiões vizinhas aos pólos terrestres, frequentemente nas latitudes próximas a 60

graus e a uma altitude em torno de 100 km. Sua luminosidade é baixa, semelhante à da Lua cheia. Recebem os nomes de: Aurora Boreal, quando ocorre no polo sul; e Aurora Austral, quando ocorre no polo norte.

e) Arco-íris é o fenômeno que ocorre quando chove e, ao mesmo tempo, há sol; forma-se uma curva espectral que se apresenta sob a forma de arcos concêntricos, cada um com uma das cores do espectro solar, resultantes da refração e da reflexão dos raios solares pelas gotas de chuva. Veem-se, então, diversos arcos concêntricos nas cores: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

f) As fases da Lua - lua cheia, quarto minguante, lua nova e quarto crescente - resultam do movimento da Lua em relação ao Sol. Quando a Lua está exatamente entre a Terra e o Sol, o lado voltado para a Terra não é iluminado, por isso não se vê a Lua. À medida que o satélite se desloca, começa a ser visto (quarto crescente), até ser visto totalmente (lua cheia). Daí por diante a parte visível vai diminuindo (quarto minguante) até desaparecer novamente.

g) O eclipse da Lua é a ocultação total ou parcial do satélite, que ocorre quando a Terra se encontra entre o Sol e a Lua, de modo que o satélite penetra no cone de sombra da Terra e deixa de ser visto.

h) O eclipse do Sol ocorre quando a Lua se interpõe entre o Sol e a Terra. Como a distância Terra-Lua é aproximadamente igual à altura do cone de sombra da Lua, o eclipse do Sol pode ser: total, parcial ou anular.

i) Dos bilhões de estrelas existentes no universo, cerca de 700 são visíveis a olho nu. Porém, o brilho aparente não é a mesma coisa que o brilho verdadeiro. Por exemplo: a estrela Deneb, da constelação do Cisne, é a mais brilhante de todas, porém ocupa apenas a 19ª posição pelo brilho aparente, porque está muito distante da Terra.

j) Saturno é um enorme planeta gasoso, com 95 vezes a massa da Terra, mas apenas sete décimos da densidade da água. Além de possuir 10 satélites, Saturno apresenta a pe-

característica de possuir um anel, completamente isolado do planeta e subdividido em três zonas de brilhos diferentes. Acredita-se que esse anel seja um satélite ainda em formação.

k) Os chamados asteroides são pequenos planetas cujos diâmetros variam de 770 a menos de 50km. O número de asteroides conhecidos ultrapassa 1.500, sendo que a maioria tem diâmetro inferior a 50km. Entre os maiores estão: Ceres, Pallas, Vesta, Juno e Plutão, este último recentemente excluído da lista dos planetas.

l) O maior telescópio do mundo é o do Monte Palomar, na Califórnia (U.S.A.), dotado de um espelho de 5 metros, montado em um tubo aberto com 16 metros de comprimento e 125 toneladas de peso, assentado em uma base de 300 toneladas. O tubo é giratório.

m) Os meteoritos ou aerólitos são fragmentos sólidos provenientes do espaço exterior. Atraídos pela gravidade terrestre, penetram na atmosfera tornando-se incandescentes pelo atrito com o ar, sendo vulgarmente chamados “estrelas cadentes”. Os menores transformam-se em poeira, porém os maiores atingem a superfície terrestre, como o meteorito de Bendegó, com cerca de 5.300kg, que caiu na Bahia em 1.784 e se acha exposto no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

n) O planeta vizinho Marte, que alguns cientistas supõem abrigar alguma forma de vida, tem um diâmetro igual à metade da Terra. Sua massa é um décimo, sua gravidade dois quintos e sua densidade três quartos em relação ao nosso planeta. Sua atmosfera contém, pelo menos, duas vezes mais dióxido de carbono, mas nenhum oxigênio livre foi detectado. Nuvens flutuam sobre a superfície e ventos varrem o solo árido. A temperatura varia de máximos de 70-80 graus centígrados até mínimos de 150 graus negativos. Certa quantidade de água se acumula como calotas de gelo em ambos os pólos.

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM  
Cadeira no. 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

## O prazer de andar sobre duas rodas

Na minha infância, o brinquedo mais desejado pelas crianças era o velocípede, que, com três rodas, mantinha-se equilibrado. Era o presente que o menino ganhava quando tinha, pelo menos, seis anos de idade. Já na pré-adolescência, o sonho era receber, no aniversário ou no Natal, uma bicicleta de duas rodas, cara e sofisticada, que exigia um aprendizado mais demorado para conseguir pilotá-la sem risco de levar tombo, algo nem sempre fácil para alguns. Os pedidos, feitos pelos filhos aos pais, de forma mui respeitosa, como costume naquela época, nem sempre eram prontamente atendidos, ora porque os pais achavam os filhos ainda tenros, sem idade ou músculos para pedalar e equilibrar-se, ora porque o dinheiro era insuficiente para adquirir a “magrela”. Naqueles tempos o crediário, com prestações a perder de vista, ainda não tinha sido inventado. Nem existiam as Casas Bahia.

Havia uma maneira de a gente matar a vontade de pilotar uma bicicleta e, assim, usufruir de algo tão agradável. Bastava alugá-la numa bicicletaria, pagando a locação por hora, o que também não era barato. Ademais, as famílias, geralmente, tinham grande número de filhos, bem mais do que hoje em dia, e como se pode imaginar, todos queriam “andar de bicicleta”, mas faltava dinheiro. Contudo, locar não deixava de ser uma forma de a gente, que não possuía a bicicleta, aprender como conduzi-la e, assim, estar preparado para fazê-lo se um dia o sonho de ser proprietário de uma viesse a ser realizado.

Lembro-me de que a minha primeira experiência como ciclista aprendiz se deu num período de férias, se não es-



tou enganado em Poços de Caldas (MG), cidade em que meus pais gostavam de descansar. Nessa oportunidade, em bicicleta alugada, não precisei de muito tempo para aprender “andar” nela. Não se usavam as rodinhas, hoje comuns, presas no quadro da bicicleta, que serviam para evitar a queda do ciclista. A função de instrutor e a de prevenir eventual acidente cabia ao meu pai, o qual, depois de me ajudar a montar na bicicleta, tinha de correr ao lado dela, para segurar-me no caso de desequilíbrio, evitando, dessa forma, um tombo que poderia ter graves consequências. Ele se esfalfava nessa missão, que era dupla, pois havia também o desejo de aprender do meu irmão a ser satisfeito. É verdade que a gente já tinha um pouco de prática no tocante ao equilíbrio, pois havíamos brincado com patinetes.

Pois bem, custou, mas chegou o grande e inesquecível dia, num mês de dezembro, em pleno Natal. Naquele ano, o destino para o gozo das férias familiares foi alterado para as lindas praias de Santos, onde meus pais alugaram uma casa no bairro do Embaré. Foi ali que tivemos a agradabilíssima surpresa. Meu irmão e eu de nada suspeitamos. Não passara em nossa cabeça, receber o presente tão almejado naquela data e muito menos naquela localidade. Mas, não foi sonho e, sim, realidade. No amanhecer do dia 25, no quarto em que dormíamos, estava, perto dos nossos sapatos, a tão esperada bicicleta: linda, reluzente, pintada de preto, para-lamas com filetes brancos, completamente equipada. Que maravilha! pneus faixa branca, farol dianteiro e farolete com luz vermelha na traseira, câmbio de cinco marchas, velocímetro, bagageiro para carga ou mais um passageiro, capa para a corrente, buzina “fom-fom”, selim de couro regulável etc. Mais tarde, nela colocamos duas lindas flâmulas, uma do Brasil, outra do glorioso São Paulo Futebol Clube (agremiação da minha predileção e também da de meu irmão), que foram penduradas no guidão, uma de cada lado. Ah! Eu ia me esquecendo de dizer que quem a comprou não foi o Papai Noel, esse velhinho simpático, porém mentiroso, e sim o meu querido pai. Nós

morávamos em Piracicaba, mas ele adquiriu-a numa famosa loja paulistana (não me lembro do nome do estabelecimento, se Hermes Macedo ou Isnard,). Ele solicitou que a entregassem em Santos e que o fizessem em horário que a gente, com certeza, estaria na praia, para poder escondê-la e, assim, fazer surpresa.

Realmente, a emoção foi muito forte. Não esperávamos, meu irmão e eu, presente tão surpreendente. Emudecemos, não tínhamos palavras para agradecer. Parecia irrealdade ou, quiçá, um sonho durante o sono do qual ainda não havíamos despertado.

A dificuldade decorrente foi dividir harmonicamente com o meu irmão o tempo de desfrute da bicicleta, já que o presente fora dado aos dois. Começou a inevitável disputa. Achava que, por ser um ano mais velho, a bicicleta era minha e que eu poderia emprestar-lhe de vez em quando, contrariando o que meu pai dissera, ou seja, que o presente era para os dois. Eu não concordava com isso e queria ter o privilégio de uso quando e o quanto quisesse, emprestando-a ao mano em momentos esporádicos. Expunha com convicção meus argumentos, nestes termos: se eu estava com 13 anos quando da chegada do presente, por justiça e equidade de tratamento, meu irmão teria de esperar mais um ano para poder usufruir dessa verdadeira maravilha. Essa situação conflituosa só foi atenuada tempos depois, quando surgiu a oportunidade de se comprar outra bicicleta, usada e sem qualquer acessório, portanto mais barata, mas que “quebrava o galho”. Assim, em que pese a diferença entre uma e outra, abriu-se a possibilidade de ambos pedalarem concomitantemente.

A bicicleta me deu grandes satisfações. Por exemplo, eu vibrava quando tinha a oportunidade de lavá-la, engraxá-la, lustrá-la, desmontá-la para fazer uma limpeza ou consertar pneu furado, exercitando a minha vocação para mecânico (que perdura recolhida até hoje). Eu tinha todo o ferramental necessário e aprendia permanecendo na bicicletaria para observar como eram executados os serviços. Havia também a

alegria decorrente dos longos passeios pelos arrabaldes, sozinho ou em grupo, dos quais minha mãe não gostava por achar que era muito longe de casa. E para quem conhece Piracicaba: eu morava no centro e ia somente até a Avenida Independência, que era pacata e pouco urbanizada. Tudo isso era completado com o prazer que tinha de fazer malabarismos na bicicleta: iniciar a marcha correndo com um pé no estribo, o outro no chão para dar o impulso que ajudava montar no selim; pedalar de costas para o guidão; andar com a roda da frente erguida; dar “cavalo de pau”; pedalar sem por as mãos no guidão; carregar passageiro no cano (parte do quadro), no bagageiro ou no guidão, e outras tantas peripécias.

Termino este texto com uma curiosidade. Em 2 de julho de 1952, uma lei municipal de Piracicaba estabeleceu que o menor, para transitar com bicicleta nas vias públicas, necessitava de autorização fornecida pelo Serviço de Fiscalização do Trânsito, mediante assinatura de termo de responsabilidade firmado por seu pai ou responsável. Tenho guardado comigo esse documento, expedido em 25 de agosto de 1952, do qual constam a minha foto, a marca “Hércules” e o número 60.251, que era o da chapa (fosse hoje seria placa) da bicicleta. A identificação permitia que fosse feita a autuação, quando das infrações. Sem dúvida, outros tempos!

Dizem que, depois que se aprende, a gente nunca se esquece de como se pilota a bicicleta. Ao escrever sobre ela, deu-me vontade de experimentar, pois faz anos que não ando sobre duas rodas!

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA HOMERO ANEFALOS**  
Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anefalos

## **Maconha é liberada no Uruguai**

Recentemente, após novos estudos realizados no país vizinho, o URUGUAI, país que já pertenceu ao Brasil, concluiu que a maconha possui especiais elementos medicinais que servem para curar várias doenças.

Segundo os estudos, a MARIJUANA, deixando de ser considerada com o seu uso como crime, passa a ser liberada face seu uso medicinal com controle ESTATAL.

Existem manifestações em diversos países, pela liberação do uso da marijuana, face conter indiscutíveis elementos medicinais que podem tratar certas doenças humanas.

Os estudos à respeito, em diversos países, trazem expectativa sob a liberação do seu uso, com controle médico.

### **Na atualidade: a maconha é entorpecente**

À lei penal em vigor é prevista no art. 281 do Código Penal Vigente considera a maconha e outras substâncias tóxicas como entorpecentes perante a Lei Penal.

Os menores de 18 anos não são processados pela Lei Penal em vigor.

Estudos atuais pretendem reduzir a menoridade penal para combater este crime.

A Organização Mundial de Saúde (O.M.S.) tem tratado devidamente os problemas causados pelas substâncias entorpecentes separando-as em dois grupos: substâncias toxicomânicas (grupo I) e substâncias habituógenas (Grupo II).

A maconha, cujo nome científico é CANNABIS SATI-

VA L, recebe várias denominações, sempre dependendo do lugar onde é cultivada e usada.

No Brasil e na África Portuguesa é conhecida por maconha, erva do diabo, erva maldita, liamba, riamba, fumo d'Angela etc; nos Estados Unidos e outros países Latinos Americanos toma o nome de marijuana; no Egito e na Turquia é conhecida por haschich ou haxixe; na Pérsia e na Índia é denominada de charas, ganja, gaugh; na Rússia shmalí, anish, hash; na África do Sul é dagga.

### **Viciados e traficantes desafiam a Lei**

Os traficantes atualmente utilizam-se de menores de idade para a comercialização da "erva maldita" ao viciado, em qualquer local, inclusive próximo de escolas, não temendo nem a proximidade de Delegacias de Polícia.

Os menores traficantes não recebem punição a exemplo dos traficantes maiores de idade. Estudos e mais estudos pretendem penalizar os menores traficantes de tóxico de toda natureza.

A droga age diretamente no sistema nervoso central do indivíduo provocando sintomas que varia de pessoa para pessoa.

### **Toxicômano pode e deve ser tratado**

Existem, em nosso país, inúmeras casas de saúde que tratam da recuperação de toxicômanos para o seu total reestabelecimento.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE  
NEGRI

Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

## Mulheres e suas bolsas mágicas

Verdadeiras caixas de Pandora, as bolsas femininas guardam em seu interior mistérios e segredos inimagináveis.

Nessa cartola encantada, cabem bilhetes de amor, poemas, fotografias, receitas culinárias, celular, band aid, lixa de unha, pinça, aspirina, escova, pente, presilhas, elástico de cabelo, molho de chaves, carteira, porta moedas, calculadora, alfinete de segurança, lencinhos de papel, caneta, calendário, absorventes íntimos, óculos de sol e de grau, tesourinha desmontável e barrinhas de cereais.

Muitas levam chupetas de criança e até mamadeira. Balas de hortelã e chicletes também não podem faltar numa bolsa que se preze.

Tudo isso, e muito mais, cabe nesse acessório feminino indispensável. Além, é claro, dos documentos obrigatórios como carteira de motorista, identidade, CPF, cartões de crédito, de supermercado, talão de cheques, carteira do plano de saúde e cartão de telefone.

A bolsa de uma mulher pode ser pequena, grande, colorida, com alças compridas ou alcinha de mão, cheia de lantejoulas e bordados ou discreta. Pode ser de grife famosa ou de lona gasta de caminhão. De seda ou de palha, rústica ou de verniz.

Também não pode faltar dentro dela um perfume em embalagem que não derrama, e obrigatoriamente, um batom.

Sempre é bom ter à mão uma agendinha com telefone do médico, do dentista, dos amigos, do advogado e do mecânico para alguma emergência.

Se por acaso algum ladrão roubar a bolsa de uma mulher, meu Deus! Lá se vai a sua identidade. Parece que sua própria alma estava guardada lá dentro. Sem sua bolsa, a mulher sente-se nua, capenga, falta-lhe alguma coisa.

Eu sempre digo que sem minha bolsa eu não sou eu. Faz parte de mim e fico perdida sem ela.

Aquelas pochetes pequenas de festa, em cujo interior não cabe quase nada, acabam abrigando em seu bojo lembranças de aniversário, docinhos diversos e bem-casados de casamentos. Tudo bem apertadinho lá dentro, junto com o batom, lençinho, e a caixinha de maquiagem, itens obrigatórios para os retoques. E vão ao toalete feminino junto com suas donas, de quando em quando, durante a festa.

Mulher nunca anda de mãos abanando. Carrega o filho no útero, carrega-o depois nos braços, as compras do supermercado, a mochila das crianças, carrega nos ombros o peso do mundo e a alma em suas bolsas.

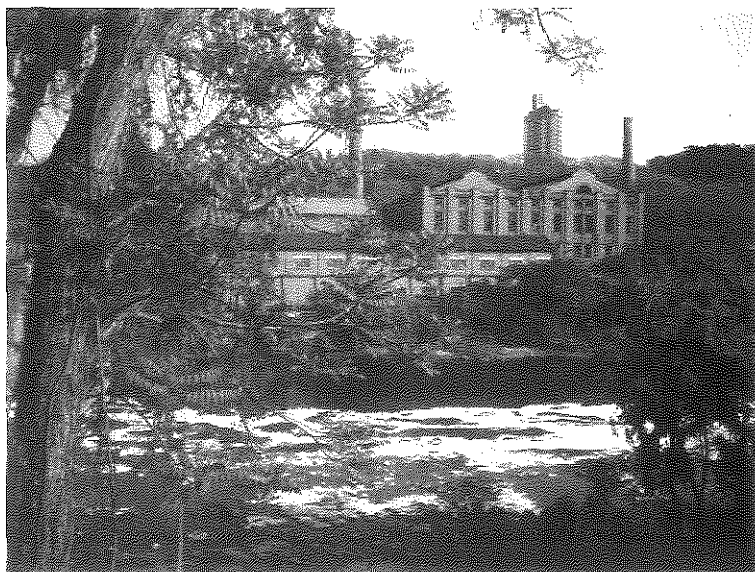
Esta crônica surgiu durante uma das reuniões do GOLP, nosso grupo literário, inspirada na minha amiga Elda, que chegou atrasada porque havia esquecido a bolsa e voltou à sua casa para buscá-la.

Fiquei pensando, como é possível os homens viverem sem bolsas? Onde guardam seus sonhos, seus segredos e os apetrechos para suas necessidades básicas?

Mistério...

## **Encantos da minha terra**

Piracicaba, dos ipês róseos e amarelos  
da Esalq e do Engenho, tão belos  
das cascatas formosas  
e das pamonhas famosas  
terra da boa gente  
e da pinga ardente  
do engraçado linguajar caipira  
carinhosamente chamada de “Pira”!







COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF  
Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros

## Sociedade anônima de capital aberto

Julio Correia é um daqueles sujeitos que nasceu para o desfrute da vida. Só que tinha que sobreviver, pobre, sem cultura nem estudo, estabeleceu um boteco. Daqueles que vendem cachaça, salgadinhos desanimados dentro de uma estufa. Salsicha em molho dentro de um vidro que sabe-se desde quando estão lá. Não se pode negar, entretanto que Julio tinha alguma iniciativa, adquiria de Pedro Sardinheiro um a dois quilos do pescado, já limpo claro. Fritava, e vendia como tira-gosto aos cachaceiros habituais. Assim ia levando a vida. Com seus vinte e poucos anos estava bom demais. Melhor do que puxar enxada embaixo de um sol de rachar mamona. Só que a vida tem suas surpresas. Umhas boas, outras ruins. Julio tinha seus amores eventuais, coisas passageiras, sem maiores envolvimento. Mas desde que passou a ver aquela normalista, de saia plissada e blusa branca, miúda, olhos negros, cabelos claros, em cachos, seu coração passou a bater descompassado quando chegava a hora dela passar em frente ao bar rumo a escola. Uma troca de olhares falou mais alto. Julio, sempre muito tranquilo passou a sentir-se incomodado. Como uma menina daquele nível poderia interessar-se por um dono de boteco? O amor é a mola propulsora de toda a humanidade. Segundo consta isso vem de Eva e Adão. Julio não dormia mais. Pensava em uma saída. Sabia que Seu Lupanaro, pai da Lígia, esse era o nome da sua diva, não era de brincadeira. Italiano conservador, do Sul da Itália, não iria deixar sua única filha se meter com um sujeito sem eira nem beira. Só havia uma saída, Dona Elídia, mãe de Lígia, ao passar pelo boteco

de Julio, o cumprimentava. Ele sentiu que se conquistasse a simpatia da futura sogra seria meio caminho andado. O milagre se deu. Em um final de ano Seu Lupanaro fartou-se de leitua, bebeu jarras de vinho, o que para um homem na sua idade já não era recomendável. O efeito não tardou. O italiano teve um mal súbito, socorrido as pressas, foi internado na Santa Casa. Dr. Castro, médico de reconhecida competência, disse-lhe em tom amigo: “ – Lupanaro, modere sua alimentação ou na próxima terei que fazer seu atestado de óbito!”.

Daquele dia em diante o homem amoleceu, tornou-se mais tolerante com tudo, passou a cumprimentar a todos, inclusive Julio. Este aproveitou a deixa e foi se aproximando do futuro sogro, perguntando da sua saúde, aos poucos pareciam velhos amigos. Lígia estava apreciando aquilo tudo. Um dia Julio foi convidado a jogar escopa (jogo de baralho de origem italiana) na casa de Seu Lupanaro. Lígia às vezes servia um cafezinho aos presentes, quando o pai pedia.

Julio percebeu que tinha que mudar o tipo de cliente que frequentava seu boteco, passou aos poucos a colocar mercadorias mais próprias a um armazém de secos e molhados. A coisa progredia. Vendia muito fiado, para marcar na caderneta, mas o pessoal naquela época honrava a palavra e pagava direitinho. Em dois anos Julio já era dono de um bom armazém. Lígia tornava-se cada dia mais formosa.

Em um ano namoraram e casaram. Foi a grande mudança na vida de Julio. Seus negócios progrediram. Descobriu em Lígia uma grande aliada, esperta, sabia negociar, pechinchava nas compras. Iam de trem à São Paulo, traziam malas cheias de mercadorias. O armazém progrediu muito, dois anos após casados nasceu o primeiro filho, Celso, a seguir nasceu Maria Lúcia, Carmem, Alfredo e Carlos. Formavam uma família completa.

O velho caminhãozinho vinha pela estrada de terra poeirenta, trazendo latões de leite. Todo dia era tudo igual. Mariano trazia para a usina de leite os latões com o resultado da ordenha do dia. Mariano Moreno era um dos filhos da numerosa família Moreno. Agricultores, pecuaristas e donos de um armazém de

sítio onde todos os vizinhos se abasteciam. Aquela vida monótona um dia teve fim. Quando o patriarca faleceu os filhos convenceram Dona Imaculada a mudarem para a cidade. E assim fizeram. Praticamente trouxeram o armazém nas costas. Montaram o mesmo comércio em um bairro progressista. A princípio não havia nada, mas prometia ser um polo importante de comércio. Mariano era conhecido como “advogado”, não que tivesse algum estudo nessa ou em outra escola superior, era pelo seu jeito maneiroso de ser. Sorridente, a todos cumprimentava sem distinção. Tipo do sujeito que agrada a todos logo na entrada. Com seu gênio e vontade de trabalhar, mais a união da família logo estavam em franco progresso. Mariano conheceu Isabel. Bela morena de cabelos negros. Foi paixão a primeira vista. Casaram-se seis meses depois. Um ano mais tarde nasceu o primogênito, Mariano Júnior. E assim, ao correr dos anos nasceram Mariana, Marina, Maurício. Era uma beleza de família.

Julio Correia e Mariano Moreno muitas vezes se encontravam em festas promovidas pelo vigário da paróquia, entre uma cervejinha e outra lembravam os tempos difíceis. Eram bons amigos. Ambos adquiriram veículos, de trabalho e também para passeio. Eram frequentadores da oficina mecânica do José Alves, mais conhecido por Zé Ruela, tinha a mania de dizer que qualquer barulhinho que o carro fazia era porque tinha perdido uma ruela.

Juca Cabelo, cujo nome verdadeiro era José Olindo Martins, era também muito popular. Excelente encanador. Tinha, porém um grave defeito. Além de ser bom observador não era de guardar segredos. Tudo que via contava. Ficava irritado quando o chamavam de fofoqueiro. Dizia: “-Fofoqueiro não! Sou produtor de biografias orais não autorizadas”. Juca sabia de tudo e de todos. Seu franco acesso às residências, estabelecimentos comerciais, era suficiente para estar sempre muito bem informado. De vez em quando ainda parava no boteco do Odair ou na barbearia do Olavo. Confirmava todas as fontes de informações. Tinha no sangue a vocação para jornalista investigativo.

Um dia tive que recorrer aos préstimos profissionais de Juca Cabelo. Ele gastou a manhã toda para consertar um vazamento. Eu fiquei conhecendo a história de muita gente. Um dos homens mais ricos e insuportavelmente orgulhoso do bairro, o Paulo José, sujeito pedante, que todos imaginavam ter perdido os pais quando era muito novo ainda, por isso foi criado pelos tios, na verdade, segundo narrou Juca Cabelo: “- Era filho de uma senhora nobre que prestava serviços de prazeres. Ele foi uma falha no processo empresarial da mãe”.

Enquanto cuidava do encanamento a espada afiada que Juca Cabelo tinha no lugar da língua, ia funcionando. Fiquei pasmo quando ele perguntou se eu conhecia a “Sociedade de Capital Aberto”. Confesso que não entendi nada. Imaginei que o Juca tinha resolvido estudar em algum estabelecimento de ensino que fosse voltado ao setor financeiro. Embora já com 30 e poucos anos nunca é tarde para estudar. Como fiquei parado. Ele logo se adiantou. “- Você não deve estar sabendo!”. E passou a narrar:

“-O Zé Ruela anda apaixonado por demais pela loira. E também não respeita a branquinha. Está tomando muita cerveja e anda misturando com cachaça. A Neidona, sua mulher, que diga-se de passagem é uma verdadeira comissão de frente de escola de samba, anda muito chateada com o estado lamentável que o Zé Ruela chega toda noite em casa. Os magnatas do bairro hoje são o Julio Correia e o Mariano Moreno, casados há mais de trinta anos, o que ambos tem de dinheiro tem de sovinice. Com a perspicácia que lhe é natural, Neidona resolveu o assunto. Está de caso com os dois. Eles são mantenedores da “Sociedade Anônima da Neidona”. Dia par ela sai com um, dia impar sai com outro. Sábados e domingos folgam os três. É o que a turma do sítio diz: “Sociedade de-a-meia” onde o proprietário das terras tem metade do que o lavrador produz. O Julio e o Mariano tem uma amante de-a-meia!”. Serviço terminado, paguei o Juca e prometi a mim mesmo que deixaria vazar toda água do mundo se tivesse que contratar aquele produtor de biografias orais não autorizadas!

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI

Cadeira nº 36 – Patrona: Olívia Bianco

## Ninhos de Passarinhos

Extasio-me diante de um pôr do sol, mas sinto uma vibração incontida em ser espectadora do amanhecer. Talvez esta seja uma das poucas vantagens do horário de verão, pois sendo 7 horas, a natureza ainda está acordando (para a passarada despertar, o que vale são os referenciais da natureza).

Diferente da cidade, aqui os sons são apenas campestres. Esta é a hora das avezinhas disputarem a cantoria: os sabiás, os bem-te-vis, pintassilgos, tizius, tico-ticos e outros que nem conheço. Até as maritacas (aqui chamadas de baitacas), dão as boas vindas ao novo dia, fazendo um alvoroço no flamboyant, que nessa época do ano – novembro – começa a exhibir seus cachos vermelhos rutilantes.

Quedo-me embevecida ante a construção de um novo ninho da família dos sanhaços. É incrível como são apaixonados pela “Julieta”, nome carinhoso que damos a um resedá com o tronco quase carcomido, que se encontra próximo ao portão da entrada do jardim. Já é o terceiro ninho que tecem nesse ano. Este não fica distante de outro, já abandonado. Na nossa lógica humana achamos não muito estratégicos os locais escolhidos e o não aproveitamento do outro antigo, que se encontra em forma e talvez tecido por esse mesmo casal! Não há dúvida que eles devem ter suas razões. No momento se revezam, trazendo no bico pequenos ramos de flores e folhas secas, com as quais vão preenchendo os espaços nos quase 50, 60 centímetros de comprimento. Por incrível que pareça escolhem os galhos mais finos da árvore, de tal modo que o novo ninho fica balançando quando sopra o vento.

Nesse vai e vem, devem dialogar sobre o trabalho, pois se percebe uma sincronia nos voos, no pipilar e na arte de colocar os resíduos que trazem no bico. Enquanto um vai buscá-los, o outro fica rondando em volta da “Julieta”. Pequenos, com o pescoço amarelo-ouro são lépidos e isso é justificável, pois se não o forem, o gato branco de manchas escuras que está sempre à espreita, pode fazer estragos desoladores para ambos. Desde já temo pelos futuros filhotes.

Do lugar em que estou vejo dois outros ninhos novos, (quero dizer desse último semestre): um nas trepadeiras floridas, de donos ainda não identificados e outro do João de Barro, num dos galhos do flamboyant. E por falar neste último, aconteceu algo curioso com o ninho desse pássaro, uns dois anos atrás. Ele e sua companheira haviam construído uma casa de dois andares no ipê perto do terreiro. Num domingo, após ter ventado e chovido bastante durante a semana, sem me dar conta do ocorrido quis mostrá-lo para visitantes quando por ali transitávamos. Qual não foi nossa surpresa, não mais encontrá-lo. O forte temporal o derrubou totalmente.

Agora pousaram na goiabeira, dois pássaros azuis. Estão namorando. A saracura mais distante canta tristonha. Dizem que seu canto prenuncia chuva. O sol já despontou. Após tomar café irei caminhar por aí. Pretendo passar perto do pequeno tanque, para ver se o bonito pássaro branco já terminou de fazer o seu ninho, bem no pilar da ponte. Espero que a chuva de vento não o tenha desmanchado, pois estava em fase inicial.

Faço uma pausa, entrando em casa. Procuo por minha mãe. Está jogando arroz cozido para os passarinhos. E de novo, tico-ticos e pardais pipilam espertos, ora devorando os grãos, ora espiando o gato de pelo macio que dorme numa cadeira.

Mais uma vez a natureza passa para nós uma sensação de bem-estar e tranquilidade, e podemos repetir com alegria a saudação de um tico-tico, cantando na torre da televisão: “bom-dia tio tico”...

## Homenagem aos Imigrantes Italianos

Valorosos imigrantes italianos,  
povoastes nossos cantões brasileiros  
com árduo trabalho, anos após anos,  
sendo nesse país, valentes pioneiros!  
Foi no café, algodão, cana, cereais  
que teus braços, mãos calejadas plantaram,  
dando vida às fazendas coloniais.  
Até os que para as cidades migraram,  
expoentes nas indústrias se tornaram.  
Teus filhos, netos, ditosos descendentes  
procuraram imitá-los no labor  
e sem dúvida abriram precedentes  
testemunhando progresso, valor.  
Cidades paulistas tiveram seu alvorecer  
com as antigas e novas gerações  
que as fizeram rapidamente crescer.  
Aos incansáveis imigrantes, destemidos nas ações,  
nossa homenagem sincera e afetuosa.  
Nós nos orgulhamos de sermos teus descendentes.  
PARABÉNS!



## Mãe Negra

Mãe negra foi mulher simples, sofrida,  
seu doce olhar mostrava só pureza,  
escrava dócil deu a própria vida  
para a sinhá, sinhô e realeza.

Longe dos seus, vivendo reprimida,  
na casa grande a vida era dureza.  
Não soube o que era amor, nem acolhida,  
recebeu só ingratidão, rudeza.

A Lei Áurea lhe deu a liberdade  
somente no papel, não de verdade,  
ficando à margem, sem eira nem beira.

Esses fatos passados evocados,  
não foram totalmente eliminados  
manchando assim a história brasileira.

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI  
Acadêmico Honorário

## Epopéia

*(O "Jornal de Piracicaba", a 4 de agosto  
completou 100 anos de existência. É uma epopeia.)*

Um século de vida, um século de glória,  
um século de luz iluminando a História,  
traçando a mais sublime e ingente trajetória,  
em busca de um futuro indômito e imortal!  
Passo a passo, enfrentando as pedras do caminho,  
removendo da luta o duro torvelinho,  
muitas vezes cansado, outras tantas sozinho,  
faz cem anos o seu, o meu, nosso "Jornal".

Quanta fé, quanto amor, quanta esperança,  
quantos sonhos, ideais, dúvidas e confiança,  
cercaram o nascer deste jornal – criança –  
no dia em que encetou a marcha para a luz!  
Quem pode desvendar do tempo os longos anos,  
adivinhar da vida os passos soberanos,  
entrever do amanhã os ocultos arcanos,  
a que mistério astral o mundo nos conduz?

À frente, uma seara extensa e dadivosa,  
atraentes jardins de lírios e de rosas,  
um povo laborioso, uma cidade ansiosa,  
aguardando esse prêmio, inédito e sem par.  
Sem dúvida o mais belo e lídimo presente  
que idealistas um dia – alma nobre fremente –  
legaram um jornal do porte altivo à gente  
que cem anos depois ainda o sabe amar.

Longos dias de insano e árduo trabalho,  
longas noites batendo o martelo no malho,  
cem anos caminhando esse divino atalho  
aberto pela luz do ínclito Gutemberg!  
Que o digam o valor e a força que trouxeram  
todos os que até nós labutando vieram  
que de um sonho feliz realidade fizeram,  
– bandeira secular que ainda nos céus se ergue!

Cem anos! É uma idade altiva, grata, imensa!  
Um altar que reluz! Piracicaba incensa,  
canta missa eternal dessa eternal imprensa,  
sob as palmas de um povo augusto que a acolheu!  
Centenário “Jornal” desta “Piracicaba”  
sobre o qual, divinal bênção de Deus desaba,  
de que o poeta diz: “glória que não se acaba”,  
que dessa glória fez também o ninho seu.

Os versos deste poema, ó meu “Jornal”, eu rimo,  
minha estrofe senil burilo, escrevo e limo,  
para dizer o quanto, ó meu “Jornal” o estimo,  
nesta mensagem pobre e quiçá sem valor.  
Não importa porém que o poema nada diga,  
vale, sim, quanto diz toda essa gente amiga,  
que há cem anos o segue, e quer que inda prossiga,  
nessa marcha de fé, de esperança e de amor.

E antes de descansar a pena com que teço  
a manifestação do meu total apreço  
dirigí-la a especial e alto endereço  
me é dever o lembrar com carinhos astrais.  
É daqueles que, enquanto os outros dormem calmos,  
velam à noite toda entoando longos salmos  
– como se fora o tempo a medir com os palmos –  
do trabalho noturno em horas integrais!

Anônimos heróis, de cujas mãos divinas  
afeitas ao labor das últimas rotinas,  
sai o verniz final das santas oficinas  
para o olhar do leitor que o tem ao vir do sol.  
E ao calor e ao luzir do dia que desperta,  
entregam para o povo a sacrossanta oferta  
da edição de um jornal, preciosa, íntegra e certa,  
cujas páginas têm o rumo de um farol.

Bandeirante da imprensa em busca do Eldorado  
do saber, do informar, escrínio do passado  
arquivando da História o tesouro dourado,  
a verdade, o valor; da justiça, os quinhões.  
E ao piracicabano, amigo e companheiro  
oferecendo as mãos num gesto prazenteiro,  
no excelso caminhar, por seu feliz roteiro,  
num só conagraçamento ideal de corações.



---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA  
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

## **É tudo por falta de diálogo...**

A dúvida na crônica de hoje ficou entre discorrer sobre a Campanha da Fraternidade que este ano aborda o “Tráfico Humano”, imoral e desumano com início na Quarta-feira de Cinzas, e “O Dia internacional da Mulher”, oito de março passado [dois temas importantíssimos], que continuarão sendo abordados, por muitos elementos das lides literárias e órgãos de comunicação, entre eles nosso querido Papa Francisco que sempre fala maravilhas! Assuntos que merecem total respeito, atenção, cooperação, divulgação e justiça, em suas considerações e cumprimento de necessidades que todos devem apoiar e agir.

Porém, achei muito interessante uma estória que traz séria lição de vida, sobretudo na correria do mundo, onde não existe mais tempo para nada, o que provoca uma distância maléfica entre famílias, amigos e conviventes, num isolamento doloroso, já que o ser humano foi feito para se entrosar nas relações e desenvolver o processo de aprendizagem e sinceridade com seu próximo e, conseqüentemente, um estreitamento nas afinidades, sem a distância que acaba numa procura insana, abrindo feridas profundas, onde a solidão e a insatisfação ganharão sempre um espaço maior do que se poderá suportar. A estória em questão relata que um homem da roça voltava para casa por um atalho do mato ao anoitecer, quando percebeu que alguém vinha atrás de si querendo alcançá-lo. Temeroso, começou a apressar os passos percebendo que o mesmo fazia aquele que vinha se aproximando rapidamente.

Num certo momento, bastante agoniado, pôs-se a correr amedrontado, vendo que seu suposto algoz fazia o mesmo. —“Será um assaltante, um ladrão?” Correndo por cima de troncos, galhos, machucando os pés nos espinhos e levando os maiores tombos acabaram se encontrando, para verificarem que os dois eram compadres que moravam no mesmo povoado. Eram amigos! Faltou o quê? Apenas o diálogo. O que nos faz concluir: em tudo na vida, se não houver o diálogo, dificilmente as dificuldades nos relacionamentos poderão ser satisfeitas. Quanto desentendimento, discussões ou brigas poderiam ser evitados se houvesse a parada para um diálogo sincero, calmo e compreensivo. Não é novidade para ninguém que a ausência do diálogo sempre foi e será o maior causador de desajustes, mágoas, ofensas e desuniões nesta vida complicada, onde a paciência, a gentileza, a sinceridade, a bondade e a cordialidade geralmente são comportamentos esquecidos nas atitudes omissas de pessoas cansadas, confusas e descontroladas, causas dos distúrbios que teimam em “tropeçar nos galhos e nos tombos dos desencontros” que sufocam maneiras sensatas e mais suaves no jeito de conviver e, sobretudo, de amar verdadeiramente, acima de tudo.

Que cada um de nós possa tirar suas conclusões honestas, para que no diálogo (a palavra foi repetida várias vezes no texto propositadamente...), as explicações de ambos os lados sejam levados mais generosamente e, ganhem espaço maior no cotidiano das pessoas. Quem sabe, nesse tempo da Quaresma, uma maior reflexão surja com mais empenho e compaixão se preciso for à convivência diária, para o alívio e sossego de tanta gente boa, mas, atormentada com os desentendimentos provocados pelos problemas de opiniões e comportamentos diferentes, sobretudo, os responsáveis por tanta desarmonia, agressividade e “falta de compreensão e fraternidade” entre os homens. Valerá a pena o esforço para que a paz e a alegria voltem a reinar nos “resultados” que o diálogo traz. Há que experimentar para ver.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET  
BUELONI**

Cadeira nº 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

## **A vida é feita de escolhas**

Parece que o título acima constitui a frase campeã do facebook, em todas as suas formas e estilos. A frase vem enfeitada de fotos apaixonantes e emblemáticas. Sim, a vida é feita de escolhas. Feliz de quem acreditar nisso e apostar toda a sua energia nesta verdade fundamental.

Temos muitos caminhos à nossa frente, basta escolher. Há uma música do “Rei”, que diz “se o bem e o mal existem/ você pode escolher/ é preciso saber viver”. De fato, pode-se escolher entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, entre a luz e as trevas. E buscar a sabedoria que o universo nos oferece, em todo momento.

Temos, dentro da nossa alma, um intrínseco conhecimento do que é correto e do que não é. Embora se afirme hoje, exaustivamente, que já não se consegue distinguir o certo do errado, pois estamos sob um bombardeio de falsos valores, a verdade é que sempre reconheceremos o bem em toda e qualquer circunstância e em sua inquestionável magnitude.

Se a vida é feita de escolhas, a palavra-chave é “decisão”. Tomar decisões exige reflexão, raciocínio, um espírito seletivo e determinado. Se alguém deseja algo na vida, tem de lutar por isso e tomar atitudes que caminhem neste sentido.

Esta é a luta mais bela, porque é a luta da vida. Lutar por um ideal, por uma profissão que se pretende exercer com zelo, esperando dar sua contribuição como cidadão do mundo, como pessoa humana interessada no bem e na paz,



na transformação de uma sociedade que pode ser mais humana e mais justa.

Um olhar mais atento e veremos a necessidade de mudanças profundas. Muitas mudanças precisam começar dentro de nós mesmos. Se eu mudo, o mundo muda. Analisar um problema de forma isenta e não passional, ajuda a interpretar com mais lucidez e mais inteligência.

A grande questão que se coloca é a escolha pessoal. O rumo de nossas vidas, o que pensamos e como agimos diante dos impasses. Aprendemos com nossos erros, claro, e preferimos não repeti-los. Cada um tirou sua dolorosa lição de um passo errado, de uma atitude impensada ou de uma escolha mal feita.

Esta é a eterna temática da vida: as nossas escolhas, as nossas decisões. Ir ou ficar. Lutar ou jogar a toalha. Casar ou comprar uma bicicleta... O repórter perguntou ao vencedor qual o segredo da vitória e o maratonista respondeu: “Enquanto outros desistiram, eu continuei e acreditei em mim”.

Ao lado da frase campeã «a vida é feita de escolhas», há outra que é “nunca desista dos seus sonhos”. Então, aí está um binômio perfeito, pedagogia para o início de uma longa jornada. Tal como se diz no ditado chinês: “Uma caminhada de mil passos começa com o primeiro”.

Decisão. Escolha. Não desistir dos sonhos. Pensar alto, pensar grande, mas com a consciência dos limites, da capacidade própria, do que é realizável e não apenas tolas quimeras.

Que ninguém se esqueça de colocar nesta empreitada maravilhosa algo que nos faz sempre vencedores: o nosso coração.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARLY THEREZINHA  
GERMANO PERECIN**  
Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini

## **Arte, ficção, literatura e historiografia** (Reflexões)

A força do conhecimento na dialética das construções narrativas ou Discurso no interior da Arte, Literatura, Poesia, Romance, notadamente o Romance Histórico, e na Historiografia, permite aflorar novamente o debate empreendido há décadas por numeroso elenco de teóricos da Filosofia e da História sobre os modos de construção do discurso narrativo, o seu principal veículo, bem como as estratégias adotadas e os modos de tratamento dos conteúdos relativos da verdade ou do real que se pretende oferecer.

A questão remete, em primeiro plano, à natureza do processo gnosiológico, à práxis da interatividade do sujeito cognosciente com o objeto cognoscível, em favor de uma compreensão de natureza subjetivo-objetivo do presente processado, rumo a uma compreensão do real, sempre aproximada, relativa, jamais absoluta. Sendo o Homem um ser histórico, lhe é dado o pensar histórico, por meio do qual desenvolve a sua consciência histórica, que se revela no campo da experiência humana, também gerando produtos de natureza subjetiva-objetiva. No interior dessa natureza constatada, cabe a marca singular da condição humana, os seus esquemas mentais, os seus valores, a sua ficção.

A pluralidade das questões suscitadas faz apontar para a escala epistemológica onde se absorvem os itens em epígrafe e os aproxima entre si, o que tem muito facilitado para que a Historiografia seja tratada por vários como Arte ou sua pa-

rente próxima, outras vezes, como protociência, quando muito, empírica. Por outro lado, lidar com categorias conceituais como tempo passado, memória, verdade, discurso, as quais geram procedimentos comuns quanto aos modos de tratar os seus objetos no interior das narrativas; constatar que podem valer-se das mesmas matérias primas para diversificados fins e que o resultado é sempre incompleto, porque nenhuma representação subsiste à práxis subjetiva-objetiva do conhecimento, é reconhecer a ironia que perpassa em cada construção. A incompletude antropológica do homem e sua frágil condição humana propiciaram o constrangimento que no século XIX induziram Nietzsche a se conformar com a impraticabilidade de se chegar a uma perspectiva realista de mundo pela ciência e, no século XX, Croce, a assimilar o pensar histórico à Arte, reforçando a condição irônica.

Todavia, nada obsta a criação literária, preexistente em cada produção narrativa, ao mesmo tempo em que se revelam os mais diversos níveis de conceitualização nos campos do saber. A criação, esta “substância” de quase impossível definição é encontrada no rol de todas as experiências narrativas denunciando-se nas histórias (estórias, os causos e as crônicas), em que o narrador transmite a sua sabedoria de vida; na poesia ou ato lírico do espírito, sempre cultivada; no romance que é uma representação do mundo; na historiografia que busca a explicação lógica dos fatos num patamar de verdade relativa; se o romance for histórico, a representação ficcional sintetiza-se com o real possível da História. Walter Benjamin apontou-lhes o nascimento de origem, numa zona de indiferenciação criadora, a partir das formas épicas narrativas atinentes à epopéia, mas que remetem epistemologicamente à Arte. Em todas essas formas, Mnemósine, a deusa da Memória ocupa lugar de honra, ao lado das suas musas - da memória enquanto lembrança e da memória como rememoração.

Constata-se que todas essas formas elencadas de construção literária passam por estruturações afins. No primeiro passo estão os acontecimentos ou os episódios ordenados no

sentido do tempo estabelecendo-se uma crônica. No momento em que se revela o sentido lógico da crônica, está estabelecido o arranjo da história (estória) com seu teor de significados: princípio, meio e fim. Nesse estágio evolutivo sobrepõe-se o enredo que acerta a maneira como serão contados os conteúdos, melhor dizendo, a história vazará pelo enredo. O conjunto estará completo e aberto à percepção mental – é o estágio prefigurativo ou da prefiguração de campo. O pensamento se abastecerá dos paradigmas linguísticos, dos argumentos formais, dos elementos críticos, desencadeando-se a busca definitiva do seu objeto, qual seja a narrativa perfeita (!), veiculadora da sua tese literária.

Todavia, como se destacou parágrafos acima, haverá de prevalecer certo toque de ironia a reforçar a autoconsciência das limitações do seu humano criador. Sempre postergada à derradeira experiência de perfeição, longe de derrotar, ela acumula antevisões e novas categorias de saber, estimulações inconscientes para as tentativas recorrentes, cada vez mais belas e menos imperfeitas. Desvela-se uma nova trama, na delicada tecitura onde se enrosca o destino do escritor, irremediavelmente.



---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA  
STEFANI

Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

## Desejos

Queria poder todo dia  
Acordar  
E ver o Brasil sorrir.  
Queria poder sempre ver  
O Brasil campeão.  
Saber que os jovens sempre estão felizes,  
As crianças saudáveis e bem tratadas.  
Queria a alegria do nosso povo.  
Que felicidade seria!  
Os adultos respeitados e respeitando.  
Os mais velhos cuidados.  
Queria ver esta alegria,  
Todo dia.  
Este patriotismo enraizado  
Em nossos familiares,  
Na nossa gente, no nosso povo.  
Queria ver o Brasil  
Amando o Brasil,  
Lutando por ele,  
E por cada um de nós.



---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO  
Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

## Estado de Espírito (Conto)

Aqueles dísticos dos caminhões divertiam: “A mulher pinta o rosto, mas não pode pintar a alma.” Pilhéria com filosofia, um modo de sentir bem brasileiro. Depois de pensar nisto, Renato ajustou o retrovisor do carro, sem conseguir o intento: eliminar de seu ângulo visual aqueles olhos.

Iam com ele para o litoral, além dos dois amigos, a esposa de um deles que conhecera naquele dia. Nos contatos femininos, habituara-se a uma espécie de seleção e de exigência, próprias do temperamento de esteta. Quanto à passageira, sua impressão não foi das melhores. Estaria envelhecendo, ou seu desinteresse provinha da inflação dessas criaturinhas bonitas e vazias, em tudo semelhantes e rotuladas? Não era de aventuras; sua curiosidade se prendia muito mais à imaginação. A esposa dava-lhe um convívio sem arroubos e sem decepções – legítimo produto da crise de insensibilidade. Também ele, apesar de vigilante, em função da escrita que nunca abandonara desde os tempos juvenis, vinha sendo arrastado para essa onda. Uma espécie de saturação e de alheamento, roubava-lhe o interesse e o entusiasmo. Admitia com pesar o contágio. Não somente ele, mas todos de seu convívio – jovens inclusive – pareciam dominados pela insatisfação, pela busca desenfreada dentro do próprio vazio. Ele, depois de grande realização material, da projeção em todos os sentidos, sentia-se irrealizado intimamente. Lembrava-se com saudades dos tempos de estudante, das primeiras emoções da mocidade, das discussões intermináveis com os colegas, em pensões e



repúblicas, bares e cafés. Ali ficavam a louvar ou depreciar os dotes de uma beldade, imaginando a mulher ideal e os valores de um conceito, em polêmicas cheias de ardor juvenil e de lances improvisados. Em contraste com os dias atuais, o passado mais calmo proporcionava mais ilações e distrações; pensava-se mais. As viagens não ofereciam os perigos e os imprevistos de agora.

Ali, no conforto de sua Mercedes, com todos os requisitos da técnica, esperava sua vez, encurralado entre caminhões a vomitar fumaça de todos os lados. Já fazia uma hora que rodavam dentro da cidade e, na saída, caíram naquele funil de motores barulhentos e morosos. O homem e sua estupidez: sua ânsia de conquistas e sua imprevisão acabam por escravizá-lo e destruí-lo! Seu último livro, um romance em que focalizara os descompassos de uma vida solitária na figura de um misantropo, fora um sucesso de crítica, embora um pouco pessimista. Talvez precisasse arejar um pouco suas concepções.

Renato olhou de novo pelo retrovisor, com intenção de verificar o tamanho da fila, atrás de seu carro. Outra vez, não conseguiu; os olhos se interpuseram. De que cor seriam? Âmbar, castanhos, pretos, azuis? Bonitos, nem tanto. Já vira outros, mais belos, maiores, dentro de pálpebras luminosas, franjados de cílios densos e recurvos... Sim, já vira mais belos... Contudo, sem aquele magnetismo pejado de contrastes. Talvez fosse o efeito da demora. Conversavam ali dentro, esperando, e a dona daqueles olhos apenas ouvia. Não, não parecia ouvir. Olhava. A princípio, quando ela entrou no carro, e cumprimentou delicada, nada observara de especial. Mulher comum, pensou, daquela categoria anônima e desinteressante. Dona de casa, prosaica e meticulosa, de horizontes estreitos e acomodados. Sua opinião se foi, aos poucos, modificando, à medida que se envolvia naqueles olhos. Efeito do momento ou das próprias circunstâncias de sua vida?

Ressentia-se daquela frieza que transformava o mundo num cemitério de almas confusas. Reconhecia com amargor

a parte que tivera a esposa no seu desencontro. Falta involuntária, é verdade, pois não estava nela ser de outra forma ou reagir contra coisas que, a bem dizer, ignorava. Pouca sensibilidade, ou talvez incapacidade para desdobrar um raciocínio.

Ele fora transferindo suas frustrações para um trabalho extenuante, buscando satisfação no domínio completo de suas atividades. Não tinham filhos, o que, de certa forma, atenuava esta incompatibilidade que nem ele próprio saberia responder onde acabaria.

Como forma de realização, estudos pela noite a dentro, visando soluções quase sempre encontradas no âmbito profissional, ao lado de um certo furor criativo que buscava no interesse e nas atenções com a vida que pulsava ao redor, e os problemas existenciais, de solução duvidosa que também o dilaceravam intimamente.

Ouviu gritos e palavras, interrompendo seus pensamentos. Olhou com desgosto para os rostos tensos. Sim, aquilo parecia o fim; a humanidade estertorava numa queda inevitável que nada conseguia deter. Mas os olhos que acompanhavam aquelas cenas eram límpidos, cheios de compreensão infinita! Estranhos e inocentes, um tanto desamparados no tumulto de criaturas impacientes e distantes umas das outras por uma indiferença silenciosa. Expressões que traduziam apatia, quase impiedade, ao lado de uma extrema solidão.

Renato acelerou o carro. Enfim recomeçava a marcha, interrompida em virtude de um acidente. No local onde havia sangue e corpos cobertos, as pessoas comentavam o fato já entrosado no cotidiano e que, de certa forma, quebrava um pouco a rotina. Não desmentiam seus pensamentos recentes; precisavam de estímulos cada vez maiores para seus interesses. A paixão e a solidariedade já não tinham vez. Insensibilidade! Olhou pelo espelho e quase freou o carro com o choque daqueles olhos. Deviam seguir suas próprias convicções: escuros, desmedidos, inquietos, fulguravam, cheios de interpelações e de angústias. Delirava? Por que o arrebatamento, como se descobrisse afinal o sentido de um sofisma?

Outra vez, junto do caminhão: “A mulher pinta o rosto, mas não pode pintar a alma.” Sim, aquela sabia refletir a alma, vibrante e apaixonada, de força poderosa e gradativa, como as variações de um tema betoviano.

Os amigos conversavam animados e os olhos pareciam crescer, no interior do carro. Que os fazia tão diferentes? Nunca se deixara dominar assim por um par de olhos expressivos... Só isto? Olhou com mais insistência e sentiu uma correspondência resvalando comprometimento. Eles agora semelhavam-se à paisagem. Abertos e serenos, transmudavam-se em harmonias de horizontes longínquos e inexplorados, de matas exuberantes e fontes cristalinas. Nostalgia de mar, alegria de pássaros livres... Algo assim muito claro e delicado, contrastando com a solidez das rochas, interpostas no cenário deslumbrante da serra. Sempre o contraste sutil, abrindo-se numa saciedade, misto de candura e de volúpia, como se buscasse a vida, comprazendo-se na morte. Olhos insensatos, absurdos, irreais, exclusivistas... Fuga e abandono, espera e promessa, síntese do desejo e da posse, da mais completa realização.

Renato impacientava-se nos dilemas. Já não escutava o que diziam, nem percebia a velocidade do carro, na medida de suas divagações. Anoitecia. Acendeu os faróis do carro, num gesto automático, sem perder o fluido que o envolvia. Aqueles olhos também escureciam, em morna embriaguez, desmesurando-se como uma carícia, elevando-o ao paroxismo da vibração. Desejou embeber-se neles, renovar-se, retornar às origens, sem os entraves do tédio e da escravidão que o cercavam, desgastando-o. Redescobrir a vida!

O manto da noite envolveu a terra por completo, engolfando dentro de sua alma a luz daqueles olhos. Aquela mulher talvez jamais soubesse do poder infinito que trazia consigo...

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI  
Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

## A Saga e a Sina de Psiquê

Anoitece. O sol se põe, e a negritude vai tomando conta do céu, fazendo com que os últimos tons lilases lentamente se apaguem mais uma vez, e as estrelas comecem a despontar. As aves suspendem seu gorjear. Tudo se aquieta, a não ser o ruído de alguns sapos coaxando, e grilos a estridular no crepúsculo. Vagalumes cintilam na noite quente com suas luzes verdejantes. Lentamente começamos a andar, seguindo o rumo à lua, de onde provem a claridade que ousa enfrentar o manto da noite.

Da terra batida surge a mata rasteira, rasa, que tenta dificultar nossa locomoção, que logo se rareia, surgindo à frente um conglomerado de árvores. Ao início pequenos arbustos, tremulam sob o vento, criando sombras fantasmagóricas que parecem bruxear ao solo. Mas elas vão se avolumando, tornando-se cada vez mais frondosas, verdadeiras árvores começando a peneirar o luar. Vão se avolumando, tomando vulto, parece tentando arranhar o céu, fazendo com que cada vez mais a luz prateada se esmaeaça até tornar-se uma vaga claridade, que se infiltra por todos os lados. Continuamos a nos embrenhar no bosque, entre o emaranhado de troncos e cipós, que cada vez mais se tornam densos e compactados fazendo nosso andar difícil. Agora não sabemos mais por aonde vamos, se para frente, para traz, esquerda ou direita. Estamos totalmente perdidos. Mesmo aquela tênue claridade que se infiltrava quase que totalmente se perde sob a exuberante folhagem.

Mas, movidos por força que escapa à compreensão, somos impelidos cada vez mais à frente. Não conseguimos controlar nossa vontade, e é como algo nos obrigasse a ir cada vez mais em

frente, movidos por impulso incontrolável, que nos obriga, além de nossos receios, a mergulhar mais e mais, mesmo contra nosso anseio naquele solo inexplorado, quase nos levando ao pânico.

Eis que, depois de muito andar, à frente as árvores se afastam, abrindo-se uma pequena clareira. Uma luz fantasmagórica ilumina a cena inicialmente confusa, e que vai se tornando mais nítida momento a momento. Finalmente conseguimos discernir, que sobre um verdadeiro divã de pequenas plantas com miríades de pequenas flores, multicoloridas, repousa uma jovem, infinitamente bela, faces róseas, roupas brancas. Apenas uma pequena mancha vermelha marca a alva roupa que usa, e de seu dedo da mão direita ainda podíamos observar de onde ele provinha, ainda consequência do pequeno ferimento que fora submetida há muito tempo. No chão uma rosa vermelha, que se mantinha incompreensivelmente viçosa, assinala de forma indelével a arma que causara o ferimento. Todo o local estava estático, como mesmo o tempo não pudesse penetrar e subsistir naquele espaço.

Consequência da magia, originária de ciúmes descabido, havia ela sucumbido aos encantamentos dos deuses, de quem não a queriam ver crescer e tornar-se princesa, muito menos deusa dos bosques que a acolhiam, quando assim chegado fosse o tempo.

Encantada, dormia, e dormia o sono da morte em vida, e entregava-se ao esperar do que estaria por acontecer, se assim fosse o que deveria ocorrer. Em espera aguardava, dentro do sonho dos justos, que Morfeu saísse de sua eterna companhia, e pudesse ela novamente sorver da consciência total o que a vida lhe ofereceria de melhor e poder retornar à convivência com os luzentes.

Mas para que isto pudesse acontecer, para quebrar aos encantamentos que jazia submetida, alguém deveria estar junto a ela, a ambicionar como companheira, esposa e mulher. Para isto deveria vencer os perigos que a circundavam, as armadilhas que tinha em volta de si, e tendo apenas como arma a confiança, convicção e tamanho dos sentimentos contidos em seu coração, esta seria a única força que encontraria

para enfrentar as adversidades e seu estandarte para vencer o mal com o bem, o desprezo e desdém com a ternura, e fazer perdurar a felicidade ao lado de quem amasse.

Longe, desconhecendo seu próprio destino e futuro, ignorando tudo o que faz acontecer, eis que surge, esforçado pelo que deixa de saber, sentindo apenas o compromisso e dever inabaláveis de um porvir, que inicialmente sente apenas uremular em seu interior, mas cresce a cada momento que se esvai; a materialidade da esperança onde se cumprirá os desígnios que Zeus lhe reservara.

Andando, englobado pelo furor do ignorado, movido pelas molas do destino, pelo toque mágico do ser e fazer existir, eis que parte em procura do desconhecido, buscando pelo tudo ou nada, pelo futuro incerto que desconhece início, meio e fim, mas que tem como certo algo imaterial que deve edificar...

Nisto, como tocada pelo futuro que se aproxima, eis que nos sonhos da bela adormecida surge Hera, que lhe faz pressentir o futuro que se acerca, e ainda para afiançar suas intenções, lança uma semente de hera ao chão, que logo cresce, coroando sua frente com as pequenas flores amarelo esverdeadas. É a promessa de novos presságios, de um porvir diferente.

Mas cada um continua seguindo seu destino, ela em seu sono mágico, ele em busca do desconhecido, ambos cursando as trilhas preparadas pelo destino. Ao longe, Zeus e seu séquito juntos apreciam o jogo que construíram.

Sem nada saber, ambos vivenciam ao drama engendrado. Ela, aguardando com a grinalda o milagre que se aproxima, ele em busca do entendimento do desconhecido.

Finalmente, chegando ao destino ignorado, lança-se ele pelas ciladas edificadas e vence as armadilhas, fazendo cumprir sua senda. Com a força movida pelo destino rompe muros, quebra encantamentos, e usando de suas últimas forças vence as florestas, chegando finalmente até onde em sono jaz a bela encantada.

Ainda preso às maravilhosas surpresas do destino, assustado e alquebrado com trilhas traiçoeiras e desconhecidas

que percorrera e vencera, intrigado totalmente com a inesperada surpresa e com o impossível que desponta à vista, logo vê à sua frente a princesa que dormia.

No absoluto silêncio que reina, a observa como quem nada entende. Seus olhos como que duvidam do que observa. Uma miragem que se apresenta, uma brincadeira do destino. Passo a passo, lentamente se aproxima do corpo inerte. Vê a cama de flores que a rodeia e que seus pés profanam. Consegue ver o rosto róseo, o peito que oscila a cada respiração. Vê as flores de hera a enfeitarem seus cabelos, fronte e obscurecerem seu rosto.

E ainda alarmado com o inesperado, mas como que ciente que era isto que o acaso lhe reservara em sua busca, lentamente aproxima a mão e afasta a hera de sua face.

Então, ocorre o momento mágico. Ela abre os olhos e os dois se veem. Cada um observa ao outro, e tomam ciência que são os dois mais belos seres, dentro do sentimento que explode um pelo outro. Ainda atônitos com a beleza interior que sentem incontinentes, e ambos observando com mais cuidado ao se afastar totalmente a hera, mais uma surpresa desponta. Na comunhão dos espíritos ufanados, cada um vê no outro a imagem da própria face e próprio corpo. Ele se vê como a própria princesa que dormia, e ela vivencia dele a procura pela existência e busca pelo seu interior.

E assim, estando frente a frente, “vis a vis”, finalmente estas duas metades que se complementam acabam por se fundir em um único ser que sai em busca de sua própria realidade, novos valores e verdades interiores.

E, subitamente com um tremor que nos percorre todo o corpo, abrimos os olhos, acordamos e com a lucidez recuperada, vemos que tudo realmente não passou de um sonho.

Onirismo? Ou simplesmente um pequeno e breve desvario, uma fantasia crepuscular? Ou quiçá uma nova forma subjetiva de encarar realidades despontantes?

Realmente todos estes desvanecios perdem o interesse, quando nosso olfato é invadido pelo irrefutável convite feito pelo delicioso aroma da ceia que se espraia pela casa...

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIACOS  
DE ALMEIDA LEME**

Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

## **A metodologia é tão importante quanto os objetivos e as metas (Meta é o objetivo quantificado)**

“Aquilo que é inédito está grávido do novo, aquilo que pode trazer para nós outra condição, aquilo que ainda não é”.

M.S.Cortela

“Você pode descobrir mais sobre uma pessoa em uma hora de brincadeira que. em um ano de conversa”.

Platão

2014, ano novo, vamos realizar coisas novas, ideias novas, metodologias novas ou, pelo menos, procedimentos metodológicos novos e não apenas realizar tudo “de novo”. A metodologia pode ser eficiente, eficaz e ao mesmo tempo ser agradável e lúdica.

Não subestime, nem superestime as pessoas, procure conhecê-las para poder trabalhar numa realidade vital. Analise, sistematicamente cada procedimento metodológico para obter um crescimento em espiral.

Grande parte das escolas, das empresas e até das famílias e das igrejas importam metodologias e fazem descer ‘goela abaixo’ dos que irão aplicá-las. Desmoralizam a metodologia e os procedimentos metodológicos, ficando tudo fadado ao insucesso. Educadores, gestores, pais, professores, patrões, empresários, chefes necessitam conhecer as pessoas com quem trabalham. Quais as potencialidades, os sonhos, as necessidades, a personalidade, o caráter, o interesse, a motivação.



Não adianta saber onde e quando você quer chegar se não conhecer como chegar, qual é o caminho. Você conhece a metodologia cristã? Cristo disse: “Eu sou o caminho...”.

Podemos e devemos conhecer profundamente e aprender com várias metodologias eficientes e eficazes, porém sempre construir a nossa metodologia, ou pelo menos, os procedimentos metodológicos adequados à nossa realidade.

Pessoalmente, gosto e utilizo as dinâmicas de grupo para fazer avaliação diagnóstica, de conhecimento, de conteúdo, de personalidade, de caráter, de maturidade, de profundidade, de autoestima, de potencial, de vivência, de relacionamento, de capacidade de trabalhar em equipe.

Acredito que a dinâmica de grupo é um excelente procedimento metodológico para a construção do saber vivenciado. A nossa busca metodológica é da construção do saber via dinâmicas. Dinâmica é um pouquinho de teoria posta em prática ou é de como percorrer mais rapidamente o longo caminho entre a teoria e a prática...

As vivências das dinâmicas devem contemplar o trabalho coletivo, sem deixar de levar em conta as individualidades. José Saramago diz mais ou menos assim, um grupo são algumas pessoas assustadas, sentadas ao redor de um saco de medos: o medo da solidão, do passado, do presente e do futuro, gerador das angústias de todo dia.

A dinâmica de grupo proporciona uma interação e um afetar conjunto. As pessoas se apegam às necessidades de soluções em grupo para os problemas pessoais.

Descubra a sua metodologia, os seus procedimentos metodológicos “endossados” sempre pelas mais eficientes e eficazes teorias do saber. Não descuide da metodologia, assim como você não descuide do objetivo ou da meta. Uma metodologia adequada não exclui a arte, os princípios filosóficos, educacionais, morais, espirituais, de saúde física e mental, de respeito, de amor à vida, à alegria e ao bem estar de todos.

Faça tudo com amor que você estará sempre no caminho adequado. Inove, crie, ouça e ouse em 2014, faça tudo novo e não de novo.

## Nós e DEUS

1- Nós dizemos: –Deus me abandonou neste mundo violento.

1- Deus nos diz: “Estarei com vocês até o fim dos tempos” (Mt 28:20)

2- Nós dizemos: – A Paz é causa é impossível.

2- Deus nos diz: “Se você pode crer, tudo é possível ao que crê.” (Mc 9:23!

3- Nós dizemos: –Temos medo.

3- Deus nos diz: “Não tenham medo; tão somente creiam...” (Marcos 5:36)

4- Nós dizemos: – Como vamos ganhar a vida?

4- Deus nos diz: “Não andem ansiosos pelas suas vidas, quanto ao que haverão de comer ou beber; nem pelo corpo, quanto ao que haverão de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?” (Mateus 6:25)

5- Nós dizemos: –Não há mais nada a fazer, tudo está acabado.

5- Deus nos diz: “Por que temeis, homens de pouca fé?”

6- Nós dizemos: – Somos pecadores não temos mais saída.

6- Deus nos diz: “...coragem filhos! Os seus pecados estão perdoados.”

7- Nós dizemos: – Como socorrer os pobres? São tantos, mal posso comigo.

7- Deus nos diz: “E, se alguém der mesmo que seja apenas um copo de água fria a um destes pequeninos, porque ele é meu discípulo, eu asseguro a vocês, não perderá sua recompensa.” (Mateus 10:42)

8- Nós dizemos: – Procuramos por todos lados respostas para nossas vidas, mas nos sentimos cada vez mais perdidos.

8- Deus nos diz: “... Eu sou o caminho, a verdade e a vida...”

## Educação

Educação, meu amigo,  
se faz de dentro pra fora  
E se puder, eu lhe digo,  
Algumas vezes, demora.

A porta do coração,  
Só é aberta por dentro,  
E as chaves, estão na mão,  
De quem se encontra no centro.

Ah, Se eu pudesse escrever,  
Em verso ou prosa, não importa  
Mas com palavras bater,  
Eficazmente, a esta porta.

## Usina, canavial, cortadores de cana

Sinto o cheiro de restilo,  
A paisagem é muito bela.  
A casa grande de estilo,  
Chaminé furando a tela.

Mais adiante, a monotonia...  
Cana, cana, cana...só.  
Tudo agora me arrepia,  
Casa pobre que dá dó!

Sinto o cheiro do restilo,  
Mais nada de "belo estilo".  
O restilo me atordoia,  
E cana, aos feixes...me enjoa.

A cana até que é bonita,  
Mas só a cana?! Meu Senhor!  
Cansa, castiga, irrita...  
Nem uma fruta... uma flor?...

Homens, mulheres, crianças,  
Todos com faces cansadas.  
O olhar sem esperanças...  
Sujas e amarrotadas...

Tanto a pele quanto a roupa...  
A voz calada ou mesmo rouca...

Eu quisera nesta hora,  
Destes imensos oceanos,  
Ser o porto onde se ancora  
Estes bons seres humanos!

## O concerto das rimas

Para que tenhamos criança  
Rimando com esperança,  
É preciso que idoso  
Rime com “generoso”.

Para termos mocidade  
Rimando com felicidade,  
É preciso que verdade  
Rime com qualquer idade.

Para que, além de rima  
Haja também a cadência  
Que flui e que se domina  
E preciso haver coerência

No que faz e se ensina.  
Mas a rima bem maior,  
Que nasce do coração  
É a que se faz com amor,

Melodiosa oração.  
E tem cadência: a gratidão!

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA  
Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos

## Reencontro

É preciso reencontrar  
no olhar o brilho,  
a ternura, algum tremor  
nas mãos é preciso –  
de emoção a voz entrecortada,  
de desejo o corpo invadido.

É preciso reencontrar  
na flor a majestade,  
o esplendor, algo de mágico  
no cotidiano é preciso –  
para que a alma voe,  
para que o destino se faça.

## Humanity

There will be some rain  
on arid lands  
of minds and hearts...

A little more splendor  
there will be  
on those stars  
of circumspect eyes...

There will be some breeze  
tonight  
as well as a tree  
longing for a windy kiss...

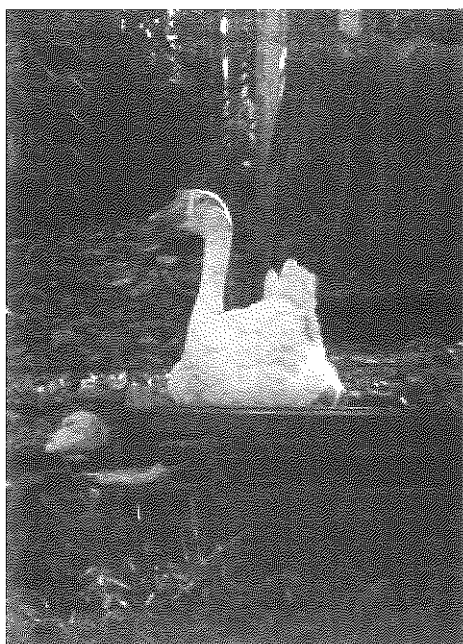
When hands shake hands,  
and eyes meet eyes,  
and when people are linked  
with other peoples,  
there will be in the world  
some mystery, some peace –  
a sentiment of humanity...

## **Olmos**

água num dia somos  
vinho noutros uns  
– o que assim faz-nos ser ?  
dois olmos que se tocam  
ao sabor desse ou  
d'algum louco vento ?

que vez quase sempre  
sonharam somar  
– sei não saber de mim  
dos nós de nós  
dos saberes nossos  
sabores distintos querereres

nuns dias somos água  
noutros vinho somos



## Lã

ir-se assim  
levezinho  
em d'ouro sol  
em céu d'azul  
manhãdomingo  
– lãzinamente

lançar-se ativo  
em vivo voo  
não mais cisnar  
ao lago nado  
ao lado húmus

cisnando apenas  
somente ao vento  
em manto branco  
lizando um rumo  
– lãzinamente





COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRÂNICO  
Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

## Travessuras da Infância

“... que saudade eu tenho da aurora da minha vida,  
da minha infância querida, dos dias que não voltam mais”...

Nasci, cresci e passei a maior parte da minha vida ao lado da Igreja do Bom Jesus, no Bairro Alto.

E, dela, me lembro com saudade, de alguns fatos que marcaram, para sempre, minha infância.

Entre eles, a história com os anjos da torre dessa igreja.

De família muito religiosa, desde pequenina frequentei essa igreja.

Encantava-me com as imagens dos Santos nos altares mas, os anjos da torre, e aquele Cristo de braços abertos, no alto dela, despertavam, por demais, a minha imaginação. Gostava muito, de ouvir os sinos tocando a Ave-Maria, às 6 horas da manhã, ao meio dia, e às 6 horas da tarde, chamando o povo para as missas e em ocasiões festivas.

Alias, não entendo, até hoje como podem algumas pessoas, não gostarem de ouvir sinos, carrilhões de igrejas. Mas, voltando ao passado – um dia, perguntei ao meu pai (uma daquelas perguntas que crianças fazem e deixam os adultos embaraçados) quem tocava os sinos à noite (de hora em hora) já que o sacristão estava dormindo.

Meu pai, me olhou e respondeu: os anjos.

Pois bem, em minha cabecinha cheia de imaginação, fiquei maravilhada por saber que eles podiam descer do céu e tocar os sinos para nós. E muito contente, contei esse fato aos meus coleguinhas numa aula de catecismo que fazia na igreja. Passados alguns dias, uma de minhas coleguinhas, depois da

aula, ainda na igreja, me diz que a mãe dela havia dito que os anjos que tocavam os sinos eram aqueles que estavam na torre e – que, a noite, saíam voando para essa tarefa. Ali, ficamos nos perguntando: mas, se eles são estátuas, estão pregados na torre, como é que se soltam para voar até os sinos? Bem, concluímos que o mais certo seria ir ver se eles realmente estavam pregados na torre.

Daí, começou nossa grande aventura; esperamos acabar a aula de catecismo e, escondidos, resolvemos subir na torre. E assim, o grupinho de seis ou sete crianças (não me lembro ao certo), no maior silêncio iniciamos nossa aventura. Só que, passamos o primeiro andar (onde ficava o órgão musical) e nos encaminhamos para o terraço onde ficavam os anjos.

Ao passarmos pela torre vazada, em arcos, a escada em caracol, sem proteção alguma, olhamos, felizes, para baixo e a primeira coisa que vimos, foi o pároco da igreja na época – o padre Martinho Salgot, no terraço da casa paroquial, ao lado da igreja, gritando e acenando para nós descermos imediatamente de lá.

Aqui, faço parênteses na história, para afirmar que, com certeza, uma legião de anjos desceu do céu, além de nossos anjos da guarda e nos protegeram na descida desesperada que tivemos que fazer...

Lá embaixo, já dentro da igreja, o padre nos esperava, entre bravo e assustado com nossa travessura perigosa demais para a época e nossas idades. Deu-nos o maior sermão, disse que iria chamar nossos pais, suspender-nos do catecismo... enfim, tudo que ele acreditou ser o melhor para acalmar nossos espíritos aventureiros...

Cheguei em casa muito chateada, desapontada, e com vontade de contar ao meu pai o ocorrido.

Mas, o medo de levar mais um sermão dele, também, me fez calar sobre o assunto.

Apesar de que meu saudoso e querido pai, provavelmente, como sempre fazia, não me daria bronca, mas conselhos...

Que saudades me bate ao me lembrar da infância feliz que ele me proporcionou.

Voltando aos anjos. Depois desse dia, me lembro bem, o padre sempre dava um jeitinho de chegar na igreja quase no final da nossa aula de catecismo, por via das dúvidas, achava melhor nos vigiar mais de perto, apesar de ter colocado um cadeado na porta que dava acesso à escadaria.

Pois bem, a dúvida sobre os anjos e os sinos ficou por algum tempo em nossas cabecinhas.

Crescemos e cada um seguiu seu caminho na vida e essa aventura ficou no passado...

Lembrei-me dela, recentemente, ao ver umas fotos de minha primeira comunhão. Tentei com o pároco atual, agendar uma visita a torre, mas, infelizmente não obtive sucesso. Assim, a curiosidade e a inocência da infância permanecerão em minha memória e em meu coração.

Hoje olho da calçada, para aqueles anjos agora tocando trombetas (que não havia na época) e chego à conclusão que, o melhor mesmo, é a magia do mistério.

## **Refletindo ao por do sol**

Sempre gostei de assistir ao por do sol.

Há para mim, uma magia, um encantamento, que me fascina em cada instante. A combinação das cores, vermelha, alaranjada, amarela, rosa, dourada, mudando, transformando a paisagem, conseguem elevar meus pensamentos e meu coração a Deus, com enorme gratidão. Confesso que é nessa hora que me sinto muito próxima do Criador, sinto como se Ele estivesse ali só comigo (que pretensão, que egoísmo!) me ouvindo e dando aquele espetáculo de despedida como um presente, encerrando com chave de ouro mais um dia só para mim. Esse Deus maravilhoso, que criou todas as coisas, tem me permiti-

do assistir ao por do Sol em vários lugares, nesta cidade, em outras e, mesmo, em outros países. E sempre há o mesmo encanto, a mesma magia. É quando, conversando com Ele, agradeço o dia que vivi, as alegrias que Ele me proporcionou, as dificuldades que me ajudou a superar. É a hora também, em que as avezinhas, procuram mais silenciosas, seus ninhos, seus abrigos. E, assistem, também, respeitosamente, o astro-rei se despedindo do dia.

Mas, sempre há um mas em todos os momentos. Sou uma piracicabana apaixonada por esta terra, cheia de encantos. Morei, por muitos anos, próximo à UNIMEP e, lá do alto, em minhas caminhadas diárias, sempre à tardinha, testemunhei um por do sol mais maravilhoso que outro. Vale a pena conferir.

Em meio às árvores, num gramado verde, observei, muitas vezes, a Natureza toda, se despedindo, agradecida do dia.

Mas, novamente esse advérbio tinha que aparecer – mudei de endereço. Deixei o bairro afastado, tranquilo e vim, por motivos também sentimentais, para outro bairro – o bairro onde nasci e, tenho minha família, meus amigos, minhas raízes. Enfim, mudança feliz.

E, claro, o Deus-Criador preparou-me uma surpresa realmente emocionante: do apartamento, onde moro no alto de um edifício, posso, de meu terraço, observar novamente o por do sol, cada dia diferente do outro. Agora, recortado pelo contorno de altos edifícios, me oferece um novo espetáculo. Mas, certamente é igualmente belo.

Despeço-me dele, que se esconde atrás dos prédios, das montanhas, mas, sempre com um brilho, dourado, com a mesma magia, cada dia diferente do outro.

Aí, me lembro de uma linda frase de uma música que diz: “Nada do que foi será igual ao que a gente viu há um segundo, tudo muda, o tempo todo, no mundo...” (Lulu Santos).

E, novamente, e mais agradecida, ainda, volto a conversar com Deus.

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALTER NAIME  
Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

## Rua do Porto – Parque da Vida

Não importa o que vai levar você até lá, o resultado é sentir que a vida está presente em tudo e você faz parte dela. É a área de lazer.

Você vai ver que andar à toa é não ficar a toa, seguindo os impulsos que levam você a satisfação de estar vivo. Vale a pena! A praça é nossa, o rio também, está do seu lado sempre correndo e desviando dos obstáculos, para chegar ao seu final de triunfo. É um bom exemplo a seguir. É o que faz o Fernando, com seu barco, quando leva você a dar uma volta pelas águas.

Correndo, caminhando ou sentado, o coração vai bater, as respirações do nosso fole divino, estarão presentes e os pesos dos nossos corpos assentados no chão ou em bancos, estarão fortalecidos no aguardo de uma boa companhia.

Ali, você vai lembrar todos os nomes que sonharam com aquela realização. Nomes que se foram e nomes atuais. Desde os primeiros desejos aos projetos que a edificaram, tornando possível usufruir das dádivas da natureza. A organização daqueles espaços com arte humana está a sua disposição. A todos que contribuíram para o nosso “Lateral Park”, os nossos calorosos aplausos.

Visualmente é um cartão de visitas para quem não conhece, pois todos os ângulos de visão trazem beleza ao nosso espírito. Árvores sadias com ipês floridos, gramados verdinhos, que chegam despertar apetite nos vegetarianos, flores rasteiras multi coloridas desde as “brancas” goiabeiras até as “marias sem vergonha”, dão a pincelada mágica dessa obra de

arte.

Espelhos d'água verdes-azulados com os cisnes coloridos replicam seus reflexos, que dançam sobre as superfícies das águas. Frutinhas de beira de caminho com gosto nativo de goiaba, amora, pitanga, manga e outras, estão chamando sempre a sua atenção.

O cantar do sabiá e a apresentação de um pássaro branquinho, tendendo ao cinzento, acariciam nossos olhos e ouvidos.

O 'coró' na goiaba procurando se alimentar mostra que tudo está vivo. Coró não faz bem para a saúde, mas...o que não mata engorda.

A tinta vermelha da amora com o compromisso de sua doçura deixa a marca do beijo nos seus lábios. O ambiente se torna romântico.

A mancha do "jambolão" faz você ficar atento por onde deve passar e pisar, pois se o atingir vai marcá-lo, e se quiser pode patentear a marca da "mancha" que não sai mais, dando um "já era" para sua camiseta branca.

As pitangas vão fazer você parecer um macaquinho nas origens, pois para apanhá-las em lugar alto terá que subir na árvore. Cuidado com as alturas, pois você pode até ter instinto de primata, mas não vá com muita sede ao pote para não despencar.

Abaixo do espelho d'água refletindo o céu existe muita vida – onde se desenvolvem peixes de diversas qualidades e tamanhos, que alimentam os patinhos mergulhadores com suas belas penas e o seu "cuécucú" que embalam o coaxar dos sapos. É a orquestra dos sons naturais anunciando o futuro.

Os aparelhos e os brinquedos convidam você a se esticar e tirar as ferrugens das dobradiças que até provocam "agudos" e chegam a desafinar as melodias que, às vezes. Ali se apresentam.

Fora dos alambrados são preparados muitos pratos à base de peixes. Restaurantes servem muitas iguarias para o seu gosto. Petisco, Porto Seguro, Varanda, Dezoitinho, Capitão

Gancho, Chevette, Tafarel's, Cais, Remador, Vila Porto, Porto do Sol, Canto's, e outros Vintinhos servem, com profissionalismo, o seu almoço. Bom proveito!

As barracas oferecem as suas curiosidades artesanais com variedade criativa.

Os ambulantes, alguns artistas, miam como gato, cacarejam como galinha, e o lugar se enche de alegria e graça. A criançada se diverte, tomando sorvete, comendo pamonha e cocada, desviando da cobrinha de plástico verde.

Nas pistas de caminhadas se encontram pessoas de todas as idades, no entanto parece que ali o tempo para, pois as maiorias se sentem crianças adultas. Algumas desfilam os seus músculos, outras desfilam suas silhuetas inchadas na parte dianteira ou traseiras, se apresentando com um centro de gravidade deslocado, mas o que predomina são as elegâncias femininas mostrando o seu balé e entre todos há um toque de admiração e amizade, pois o respeito impera.

Os flertes também têm lugar, pois a natureza se incumbem de aproximar os bons, e deles tirar a sua continuidade.

Vem com a gente!!! Tome uma água de coco geladinha com o Paraná ou com o Pedro, sem precisar subir no coqueiro.





## HOMENAGEM

A atual diretoria executiva da Academia Piracicabana de Letras presta a sua homenagem a um dos sócios fundadores: **Arthur Eugênio Sacconi**, pela sua força incontida em promover a cultura, elevação do espírito e o aprimoramento da inteligência literária.

*A "Academia Piracicabana de Letras"*

*Piracicaba - Estado de São Paulo*

Confere o presente Certificado ao(s) senhor(a) **Arthur Eugênio Sacconi**, ocupante da  
Cadeira n.º **01**, cujo(a) patrono(a) é **João Chiarini**.

Registrado sob o n.º **01**, Livro **01**, página(s) **01**.  
Em **22** / **Setembro** / **1986**

(João Chiarini)  
Patrono

Por ser de inteira justiça, estendemos nosso profundo agradecimento, de forma indistinta, a todos ilustres acadêmicos que passaram por essa Casa Literária com o compromisso de esclarecer as mentes, alimentar ideias, ajudar na produção da palavra artística, sem deixar de proclamar as inquietações nos campos: político, social e estético.



---

**COLABORAÇÃO ESPECIAL****Caboclo Feliz****Pedro Mendes Bertazzoni**

Gosto de morar no campo  
Porque adoro a natureza  
Só aqui eu me sinto bem  
Aqui não tem tristeza

Eu escuto lá na mata  
A cachoeira murmurando  
Lá no alto da colina  
A seriema cantando

Quando chega à tardinha  
Que o sol já vai entrar  
Logo toda a passarada  
Na ramada vai pousar

Quando vai escurecendo  
A lua começa a clarear  
Também vejo no espaço  
Pirilampo a brilhar

Eu contemplo a luz da lua  
Clareando a verde mata  
Brilha junto com as estrelas  
parece lençol de prata

Aqui tudo é uma beleza  
Deus me deu este lugar  
Não me sinto solitário  
Tenho meu bem para amar



---

**APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO\***

• Relação de algumas atividades complementares de **Aracy Duarte Ferrari**: Associação de Artistas Plásticos (APAP); Mostra Almeida Junior; Eventos Cívicos – Prefeitura Municipal de Piracicaba; Atuação em datas cívicas (comemorações); Clube de Campo de Piracicaba; Mostra Cultural dos Associados (vernissage); Emoção pela Escrita – Terminal Central de ônibus; Confecção de cartões de Natal e Dia das Mães.

• Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme, delegada da trova pela UBT, informa que dois acadêmicos foram premiados na 4ª Etapa do Projeto de Trovas para uma Vida Melhor, com o tema: Educação - UBT Seção: São José dos Campos-SP:

**André Bueno Oliveira** (2º Lugar)

Se tens Família ou Escola,  
Pode até faltar-teo pão!  
Pão, consegues por esmola...  
mas jamais a Educação.

**Leda Coletti** (3º Lugar)

Promover o ser humano  
por meio da Educação,  
é fazê-lo soberano  
a si próprio e à Nação.

---

\* Nesta seção, somente os nomes dos acadêmicos titulares da APL são sempre destacados em negrito. O Editor pede desculpas pelas possíveis omissões involuntárias e insiste no pedido de que os Acadêmicos o mantenham informado acerca das atividades literárias, culturais e artísticas que realizam. Se todos o fizerem, esta seção da Revista da APL poderá ser bem mais completa e corresponderá de modo adequado ao muito que realmente fazem e produzem os membros de nossa Academia.



## **DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS**

Presidente – Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

Vice-Presidente – Gustavo Jacques Dias Alvim

Primeiro Secretário – Felisbino de Almeida Leme

Segunda Secretária – Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme

Primeiro Tesoureiro – Waldemar Romano

Segundo Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto

Bibliotecária – Marly Therezinha Germano Perecin

Conselho Fiscal – Cezário de Campos Ferrari

Elias Salum

Gregório Marchiori Netto

## **GALERIA ACADÊMICA**

**Alexandre Sarkis Neder** – Cadeira nº 13 – Patrono: Dario Brasil

**André Bueno Oliveira** – Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

**Antonio Carlos Fusatto** – Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

**Antonio Carlos Neder** – Cadeira nº 15 – Patrono: Archimedes Dutra

**Aracy Duarte Ferrari** – Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion

**Armando Alexandre dos Santos** – Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado

**Carla Ceres Oliveira Capeleti** – Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata  
Grigolin

**Carlos Moraes Júnior** – Cadeira nº 18 – Patrona: Madalena Salati de Almeida

**Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto** – Cadeira nº 19 – Patrono:  
Ubirajara Malagueta Lara

**Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira nº 20 – Patrono: Benedito  
Evangelista da Costa

**Cezário de Campos Ferrari** – Cadeira nº 12 – Patrono: Ricardo Ferraz  
do Amaral

**Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira nº 21 – Patrono: José Ferraz de  
Almeida Junior

**Elias Salum** – Cadeira nº 5 – Patrono: Leandro Guerrini

**Evaldo Vicente** – Cadeira nº 23 – Patrono: Leo Vaz

**Felisbino de Almeida Leme** – Cadeira nº 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

**Francisco de Assis Ferraz de Mello** – Cadeira nº 26 – Patrono: Nelson  
Camponês do Brasil

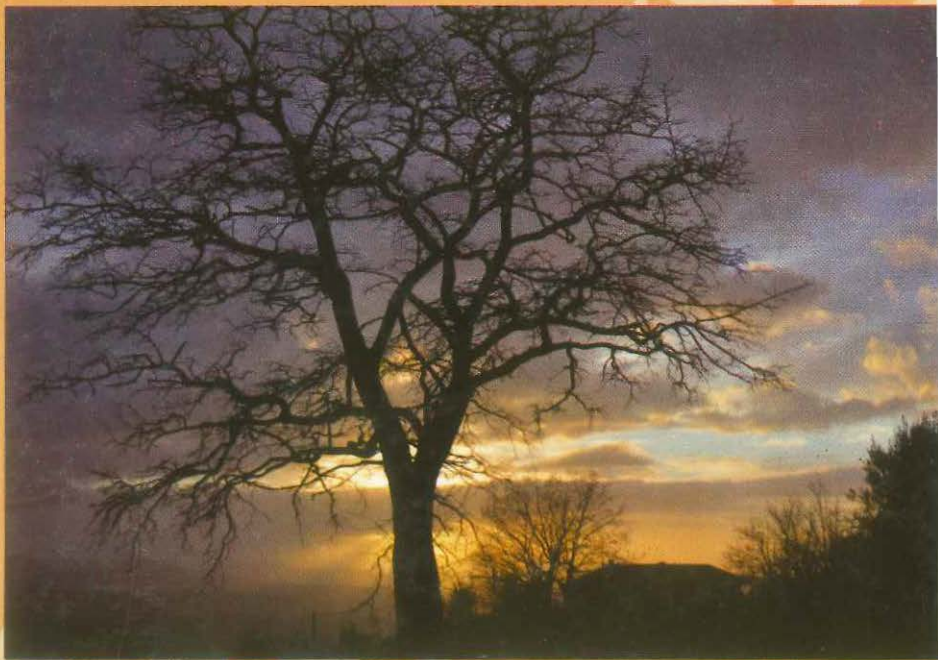
**Geraldo Victorino de França** – Cadeira nº 27 – Patrono: Salvador de To-  
ledo Pisa Junior

**Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira nº 28 – Patrono: Delfim Ferreira da  
Rocha Neto



- Gustavo Jacques Dias Alvim** – Cadeira nº 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro
- Homero Anefalos** – Cadeira nº 30 – Patrono: Jorge Anefalos
- Homero Conceição Moreira de Carvalho** – Cadeira nº 31 – Patrono: Victório Ângelo Cobra
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira nº 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira nº 1 – Patrono: João Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira nº 34 – Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira nº 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira nº 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti** – Acadêmico Honorário
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza** – Cadeira nº 3 – Patrono: Luiz de Queiroz
- Marisa Amábile Fillet Bueloni** – Cadeira nº 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Marly Therezinha Germano Percin** – Cadeira nº 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani** – Cadeira nº 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho** – Cadeira nº 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
- Olívio Nazareno Alleoni** – Cadeira nº 25 – Patrono: Francisco Lagreca
- Paulo Celso Bassetti** – Cadeira nº 39 – Patrono: José Luiz Guidotti
- Pedro Caldari** – Cadeira nº 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende
- Rosalý Aparecida Curiacos de Almeida Leme** – Cadeira nº 7 – Patrono: Helly de Campos Melges
- Sílvia Regina de Oliveira** – Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos
- Toshio Iczuca** – Cadeira nº 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres
- Valdiza Maria Caprânico** – Cadeira nº 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz
- Waldemar Romano** – Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de Andrade
- Walter Naime** – Cadeira nº 37 – Patrono: Sebastião Ferraz





ISSN 2177-2797



9 772177 279006